

GARY CHAPMAN
&
CATHERINE PALMER

DO INVERNO À
PRIMAVERA

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA


mundocristão
São Paulo

Copyright © 2008 por Gary Chapman & Catherine Palmer
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Illinois, EUA.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Preparação: Daila Fanny
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Assisnet Design Gráfico
Diagramação para e-book: Felipe Marques
Capa: Ricardo Shoji

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P198d

Palmer, Catherine

Do inverno à primavera [recurso eletrônico] / Gary Chapman , Catherine Palmer ; tradução Maria Emília de Oliveira . -- 1. ed. -- São Paulo : Mundo Cristão, 2017.

recurso digital; 1421 MB

Tradução de: Winter turns to spring
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 9788543302324 (recurso eletrônico)

1. Casamento - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Chapman, Gary. II. Oliveira, Maria Emília de. III. Título.

17-39999

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Categoria: Ficção

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: junho de 2017

Sumário

[Nota aos leitores](#)

[Agradecimentos](#)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

A Tim, com amor.

C. P.

O amor novo é o mais brilhante,
e o amor tardio é o mais intenso;
mas o amor renascido é o amor
mais doce do mundo.

Thomas Hardy

Nota aos leitores

Não há nada como uma boa história! Estou entusiasmado por trabalhar com Catherine Palmer numa série de ficção baseada nos conceitos expostos em meu livro *As quatro estações do casamento*.¹ Você tem em mãos o quarto e último livro desta série.

Minha experiência, tanto em meu casamento como no aconselhamento de casais por mais de trinta anos, sugere que o casamento está sempre mudando de uma estação para outra. Às vezes estamos no inverno — desanimados, desligados e insatisfeitos. Outras, vivemos a primavera, com sua receptividade, esperança e expectativa. Há ainda outras ocasiões em que nos aquecemos sob o calor do verão — confortáveis, relaxados, curtindo a vida. E de repente, vem o outono, com suas incertezas, negligências e preocupações. O ciclo se repete muitas vezes ao longo do casamento, da mesma forma que as estações se repetem na natureza. Esses conceitos estão descritos em *As quatro estações do casamento*, acompanhados de sete estratégias comprovadas, para ajudar os casais a se afastarem das turbulências do outono ou da indiferença e frieza do inverno e caminharem rumo à esperança da primavera ou do calor e aconchego do verão.

A combinação do que aprendi nesses anos de aconselhamento, com a extraordinária competência de Catherine como escritora, resultou nesta série de quatro romances. Na vida dos personagens que você conhecerá nestas páginas, verá as reiteradas escolhas que observei nas pessoas no decorrer dos anos, a importância do carinho de amigos e vizinhos e a esperança de verem seu casamento mudar para uma nova estação, muito mais agradável.

Em *Do inverno à primavera* e nas outras histórias da série *Quatro estações*, você conhecerá recém-casados, famílias mistas, casais angustiados por ter de adaptar-se ao ninho vazio e casais idosos. Esperamos que você

se veja — ou veja alguém que conhece — nesses personagens. Se estiver com o coração ferido, este livro poderá dar-lhe esperança — e algumas sugestões para melhorar a situação.

E seja qual for a situação que estiver atravessando, sei que você vai gostar muito das pessoas e das histórias de Deepwater Cove.

Dr. Gary D. Chapman

1 São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

Agradecimentos

Muitas pessoas exercem influência na escrita e publicação de um romance. Gostaria de manifestar publicamente meus profundos agradecimentos ao dr. Gary Chapman. Sua sabedoria, um dom concedido por Deus, e seus livros extraordinários têm enriquecido de forma incomensurável meus textos e minha vida pessoal. Sou muito grata pela oportunidade de trabalhar em parceria com um cavalheiro de verdade, um homem que demonstra seu compromisso com Deus em tudo o que faz.

Pelas vezes em que rimos e choramos juntas, minhas amigas de longa data são tesouros que guardo com muito carinho. Janice, Mary, Sharon, Roxie, Kristie, BB e Lucia: amo vocês. Minha equipe de apoio tem me sustentado diante de Deus, e meus agradecimentos nunca serão suficientes — Mary, Andrew, Nina e Marilyn.

Sou grata também a minha família Tyndale por tudo o que fez por mim nos últimos dez anos. Ron Beers e Karen Watson, que Deus os abençoe por terem feito desta série uma realidade. Kathy Olson, imagino que não teria tido coragem de escrever uma só palavra sem você. Sua edição tão esmerada e amizade preciosa são verdadeiras dádivas do Senhor. A Andrea e Babette do departamento de marketing, ao departamento de relações públicas, à extraordinária equipe de vendas e ao excelente departamento de diagramação: muito obrigada a todos, do fundo de meu coração.

Apesar de quase sempre deixá-la por último, minha família ocupa o primeiro lugar na lista de apoiadores, encorajadores e pessoas amadas. Tim, Geoffrey e Andrei: amo muito vocês.

Catherine Palmer

Brad Hanes atravessou o estacionamento em direção ao Bar do Larry com um só objetivo em mente. Lá estava ela, sentada no fundo do bar. Yvonne Ratcliff, a cantora do bar, tinha uma voz forte e sensual que escoava, enchia o salão cheio e impregnado de fumaça, e provocava vibrações em cada nervo do corpo de Brad.

Por saber que sua esposa não gostava de Yvonne — e de outros frequentadores do Larry —, Brad havia considerado a hipótese de deixar que seus colegas do canteiro de construção fossem ao local sem ele. Em dezembro, a superfície da água do lago de Ozarks refletia a cor cinzenta e gélida do céu. O vento que fustigava a cidade de Tranquility atravessava sua jaqueta de brim. A noite não era convidativa para se ficar fora de casa até muito tarde, Brad sabia. Mesmo assim, nada lhe parecia melhor que algumas cervejas, um pouco de risada com os amigos e uma ou duas horas jogando bilhar ao som da música.

— Você tem certeza de que Ashley não se importa de ficarmos aqui no Larry por algum tempo? — Mack Lang, outro colega da construção, aproximou-se de Brad com passos lentos. — Minha segunda ex queria que eu chegasse em casa às 18 horas, nem um minuto a mais, para jantar. Ela me sufocava com todas aquelas ordens e regrinhas.

— Não — Brad sacudiu a cabeça. — Ashley não deve nem estar em casa. Ela começou um negócio de vender colares, lembra?

— Com contas feitas em casa?

— Isso mesmo. E com o Natal chegando aí, ela trabalha dia e noite para atender aos pedidos.

— E ainda trabalha no clube de campo?

— Claro. Ashley não vai largar aquele emprego.

Enquanto ele e o amigo se aproximavam do bar, Brad pensou na esposa vestindo o uniforme preto e branco de garçomete, limpo e bem passado; o longo cabelo ruivo, preso no alto da cabeça; e o pescoço alvo, enfeitado com vários colares de contas confeccionadas por ela.

Ashley sabia que o marido planejava ir ao Bar do Larry naquela noite, apesar de ter-lhe pedido centenas de vezes que permanecesse longe do local. Ela reclamava que Brad bebia muito, voltava para casa com cheiro de cinzeiro sujo e, no dia seguinte, sempre ia trabalhar com dor de cabeça. Parte do que ela dizia era verdadeiro, embora ele argumentasse que não via nada de errado em tomar algumas cervejas com os amigos.

— Ela nem deve notar se eu voltei ou não para casa — Brad disse, com uma onda de frustração enchendo-lhe o peito. — Sou um cara legal, você sabe. Não peço muito de uma esposa: apenas casa limpa, roupa lavada e três rangos por dia. Com a produção dos colares indo a todo vapor, Ashley não tem tempo para nada. Não prepara mais o meu jantar. Tenho de me virar com uma lata de sopa ou um pacote de macarrão. É barra pesada para alguém que trabalhou o dia inteiro construindo casas neste inverno do Missouri.

— Bem-vindo ao clube — Mack disse. — Eu odiava o casamento, mas também odiava ser solteiro. Acho que a gente deve procurar divertimento onde for possível. Por falar nisso... parece que Yvonne já está no palco.

Brad tentou não reagir ao comentário, uma clara referência à atração que crescia entre eles, a qual ele não imaginara ser tão evidente.

Yvonne — ou *Yvónne*, como ela pronunciava — tinha uma voz bonita e era muito atraente. Tinha um filho, ela contara a Brad, mas a maternidade não prejudicara nem um pouco seu físico. Com cabelo castanho comprido, olhos verdes com rímel preto e calça *jeans* justíssima, Yvonne podia fazer o que quisesse com a voz, deixando todos os homens com os olhos grudados nela.

No entanto, a atenção de Yvonne estava sempre focada em Brad. Cada canção que cantava era dirigida somente a ele. E quando ocupava

seu lugar de sempre no fundo do bar, ele não resistia à tentação de aproximar-se dela e pagar-lhe uma ou duas bebidas.

Ao esticar o braço para abrir a porta do bar, Brad ouviu Yvonne cantando uma famosa canção sobre as alegrias de ser uma mulher do campo. Porém, assim que ele segurou a maçaneta, outro som o fez estremecer. O agudo gemido começou com um “ouuu!” e, em seguida, enfraqueceu num patético “ouuu, ouuu, ouuu”. Brad virou-se em direção ao som, que recomeçou.

“Ouuu! Ouuu, ouuu, ouuu.” Após um momento, a sequência terminou com um murmúrio manso de “ou”.

— O que pode ser? — Brad tirou o boné, coçou a testa e correu os olhos pelo estacionamento, que lotava rapidamente.

— Parece choro de bebê — Mack disse enquanto os dois davam passos vacilantes em direção aos gemidos.

— De jeito nenhum. Quem abandonaria uma criança neste frio? Isso só acontece em cidades grandes, não aqui.

— Uuu! Uuu, uuu, uuu — a voz berrou. — Uuu. Ouuu. Ouuu.

— Ei! — Brad gritou. — Quem está aí?

Apesar de ser um pouco mais de 17 horas, a iluminação era tão fraca que Brad mal conseguia enxergar. Ele voltou a colocar o boné na cabeça e ajustou a aba.

— Olhe! — Mack cutucou-o com o cotovelo. — Ali!

No canto da parede que cercava o Bar do Larry havia uma caixa de papelão. E ela estava se movimentando.

Mais frio que a brisa noturna, um arrepio percorreu a espinha de Brad. Ele e Mack aproximaram-se da caixa. Brad notou algumas palavras escritas em azul e vermelho que indicavam ser uma caixa de latas de cerveja. Ao olhar dentro, um par de grandes olhos castanhos o fitou.

“Ouuu!” A boca pequenina exibiu duas fileiras de dentes brancos e afiados, cortando o ar com um grito agudo de “ouuu, ouuu, ouuu!”.

— Puxa! — Mack disse. — É um bicho peludo.

Com uma sensação de alívio no peito, Brad agachou-se ao lado da caixa.

— Quem é você? — ele perguntou à bolinha de pelos cinzentos e empoeirados. — É um guaxinim? Ou um gatinho? Você está fazendo uma enorme bagunça, com certeza.

— Não toque nele — Mack advertiu. — Você pode ser mordido e morrer de hidrofobia.

“Ih! Ih! Ih!” A criatura tentou virar-se, bateu na lateral da caixa, levantou a cabeça e deu um gemido. “Auuu! Uuuu! Auuu, auuu.”

— Hidrofobia — Brad resmungou. Ele enfiou a mão na caixa e passou-a sob a barriga peluda e macia. Segurando o animal, ele examinou-o rapidamente. Orelhas, olhos, cauda, focinho, pernas felpudas e quatro patas.

— É um cãozinho — ele declarou. — O mais tagarela que já conheci.

“Slept.” A cabecinha espichou-se para a frente, e uma pequena língua cor-de-rosa lambeu o nariz de Brad.

— Eca! — Brad limpou a lambida com as costas da mão. Virou o cãozinho de barriga pra cima e constatou que estava segurando um macho. — Quem deixou você aqui, amiguinho? Você deve estar congelado.

— Cara — Mack disse, com expressão de desagrado. — É preciso ser imbecil demais para abandonar um cãozinho neste frio.

Brad sabia que, em geral, os habitantes da zona rural do Missouri não tinham meios de criar bichos de estimação. Com isso, milhares de viralatas e gatinhos indesejados eram abandonados na beira da estrada todos os anos. Os abrigos de animais na cidade costumavam pegá-los, mas muitos morriam de fome, eram mortos por predadores maiores ou atropelados.

— Pelo menos ele foi deixado perto de um lugar público — Brad observou. — Acho que imaginaram que ele encontraria um lar.

— Comigo não.

— Nem comigo.

A máquina de *jukebox* começou a tocar dentro do bar. Yvonne já devia ter terminado sua série de canções e estaria sentada em seu lugar costumeiro no bar. Casado havia quase um ano, Brad sabia que não devia dar confiança àquela mulher. A cantora de voz sensual era bem mais velha que Brad e havia passado por poucas e boas. Disse que tentara fazer sucesso no cenário musical de Nashville, mas achou difícil demais. Também atuou como *back vocal* num grande *show* da cidade de Branson. Um dia, porém, voltou a morar na região do lago — solteira, provocante e à procura de diversão. Tornava-se cada vez mais difícil resistir àquele canto de sereia.

“Au!” O ganido forte assustou Brad. O cãozinho acomodara-se na dobra de seu braço. “Ik, ik, ik.”

— O que você está dizendo agora, cãozinho tagarela? — Brad murmurou, acariciando o pelo emaranhado. Quando o cãozinho pressionou de leve a pequenina cabeça contra a palma da mão de Brad, manifestou alegria ao sentir o toque humano. Brad riu. — O que você quer, garotinho? Hein?

— Ora, ora — Mack disse. — Você está parecendo um bobão.

— Não vou levá-lo para casa. Mas... ele não deve ter mais que 2 meses.

— Aposto que ainda mama. Tivemos cães em casa quando eu era criança. A gente não deve tirá-los da mãe tão cedo.

— Eu sempre quis ter um cão. Meu pai os afugentava com uma espingarda.

Embora o cão implorasse para ocupar um lugar em seu coração, Brad sabia que, diante da situação difícil entre ele e Ashley, seria um erro chegar em casa com um filhote. Provavelmente ela pegaria suas contas e voltaria para a casa do papai e da mamãe, o que, afinal, seria uma boa ideia.

Brad não estava à procura de um relacionamento com Yvonne ou com qualquer outra moça atraente que fazia do Bar do Larry um local para beber e distrair-se. Também não queria que Ashley o abandonasse.

Mas por quanto tempo duas pessoas aguentariam viver dessa maneira? Silêncio gelado entremeado com discussões. Culpa. Palavrões. Acusações.

O sexo também era uma ocorrência rara no casamento, e aquilo não agradava a Brad. Antes do casamento, Ashley sempre o procurava, e vice-versa. Ultimamente, eles mal tinham tempo para um beijo. Pelo fato de ele trabalhar de dia e ela trabalhar à noite, era raro o casal dormir junto. Não se podia esperar que um homem de 22 anos de idade, no apogeu da vida, renunciasse a esse tipo de prazer. Prazer? Não, era uma *necessidade*.

“Rrnnn... rrnnn.”

Brad abaixou a cabeça e viu que o cãozinho roncava mansamente.

— Ótimo. Ele dormiu.

— O que você esperava? Ele deve ter ficado aqui fora, congelando, quase o dia todo. — Mack disse, bufando. — É melhor levá-lo para casa. É isso o que você quer.

— Não quero um cão. Mas como posso colocá-lo de volta na caixa de papelão? Quando a gente sair do Larry daqui a algumas horas, ele estará morto de frio.

Para Brad, era impossível abandonar o cão naquele ar gelado e entrar no ambiente aconchegante do bar sem sentir uma dose enorme de culpa. Queria entrar no bar, sentar-se perto de Yvonne e sentir seu perfume. Ela começaria a paquerá-lo, e ele lhe pagaria algumas bebidas. Depois, ela andaria com passos provocantes até o palco e cantaria para Brad até ele ficar tão encharcado de cerveja e tentação que mal conseguiria chegar ao carro com seus passos trôpegos.

Brad tinha a sensação de que não demoraria muito para ceder aos encantos de *Yvonne, a conquistadora*, como os homens costumavam chamar a sensual cantora. Não era segredo que Yvonne usava seus trejeitos e astúcia para conseguir o que queria dos homens. Mas àquela altura, Brad pouco se importava. Queria a mesma coisa. Um pouco de divertimento. Sem compromisso. Sem expectativas. Sem responsabilidades. Tudo parecia bom para ele.

“Rrnnn.... rrnnn... rrnnn.”

Com a mão repousando sobre a cabeça do cãozinho, Brad percorreu a frente do Bar do Larry com o olhar. Três ou quatro casais haviam entrado desde que ele vira o filhote.

— Alguém vai encontrar o cão e levá-lo para casa — Brad disse ao amigo. — Não somos responsáveis por este vira-lata sarnento. Vamos entrar.

Não querendo pensar no assunto, ele colocou o cãozinho de volta na caixa e abriu com força a porta da frente do Larry.

“Ouuu!” O guincho agudo atravessou o cérebro de Brad e atingiu-lhe o coração. “Ouuu, ouuu, ouuu! Ouuuuuuuu!”

Dizendo um palavrão em voz baixa, Brad curvou-se, pegou o cão, colocou-o sob a jaqueta e dirigiu-se ao carro. De longe, ouviu Mack rindo dele pelas costas.

— Idiota! — o amigo gritou. — Vou dizer “oi” a Yvonne por você!

Rangendo os dentes, Brad abriu a porta do carro. Aquilo era um erro. Um grande, grande erro. Ele e Ashley não tinham espaço para o cão em sua casa pequenina. Não tinham um quintal com cerca. Não haveria ninguém para cuidar do cãozinho enquanto eles estivessem trabalhando. Tudo aquilo era uma péssima ideia.

Ele jogou o cãozinho no banco do passageiro. Talvez um vizinho ficasse com o animal. Entrou no carro e deu partida. Com as mandíbulas cerradas, saiu do estacionamento e pegou a estrada rumo a Deepwater Cove. Não era aquilo que ele queria fazer. Talvez Ashley estivesse certa. Ele não deveria passar tanto tempo com Yvonne e outros frequentadores do bar. Entretanto, qual a razão de ir para casa e ver televisão sozinho a noite inteira?

A pressão das quatro patas aqueceu-lhe as pernas. Brad olhou para baixo e viu o cãozinho sentado confortavelmente em seu colo. “Não”, ele pensou. Ele não queria um cão. Nem uma esposa, nem um lar, nem um emprego, nem um salário fixo.

Em determinada época da vida, essas coisas pareciam objetivos altos demais para se alcançar. Em razão de sua infância caótica, esses sonhos

pareciam inatingíveis. Mas ele havia conhecido Ashley, conquistado seu coração, comprado uma casa e casado com a mulher que ele amava. Tinha um emprego estável e uma vida que ele esperava ser maravilhosa.

Mas não era.

Agora a situação se deteriorara rapidamente, e ele não deveria levar um cãozinho para casa. O vira-lata exigiria cuidados constantes e por muito tempo, e essa era exatamente a situação da qual Brad queria fugir.

“Rrnnn... rnnn... rrnnn.”

O ronco suave do cãozinho acalmou os nervos de Brad enquanto ele chegava à garagem de sua casa. Os galhos nus das árvores ampliavam a visão durante os meses de inverno, e Brad viu o luar batendo no lago como se fossem pirilampos dançando.

O cão mal se mexeu quando Brad desceu do carro e o carregou em direção a casa. Ashley deixara todas as lâmpadas acesas, como sempre. A jovem culpava-o por seus problemas com dinheiro, mas a culpa verdadeira era dela. Todas aquelas contas para bijuterias. E sacos plásticos. E caixas. E despesas de correio. Será que ela fazia ideia de quanto dinheiro passava por suas mãos todos os meses naquele pequeno empreendimento de colares?

Ao entrar em casa, Brad viu que tudo estava quase igual ao que ele deixara no início da manhã. Ashley não lavara a louça, não varrera a casa, nem sequer guardara as compras que ela deve ter feito durante o dia. Ele olhou atentamente para os vegetais enlatados, misturas para bolos e vidros de molho para macarrão no balcão da cozinha.

Os pais e Ashley eram proprietários de uma lanchonete que vendia cachorro-quente e sorvete em Camdenton, e aquele era o único alimento que ela sabia preparar. Sua amiga Esther Moore a ensinara a cozinhar comida de verdade, mas a sra. Moore falecera no Dia de Ação de Graças. Agora, se Brad apenas mencionava o nome da mulher, Ashley formava uma poça de lágrimas de tanto chorar. E abandonara todos os esforços para aprender a preparar refeições saborosas e nutritivas.

Ainda carregando o cãozinho exausto, ele remexeu o *freezer* até encontrar o que restara de um peru assado que ninguém sabia há quanto tempo estava ali. Ele aqueceu o alimento no micro-ondas, pôs uma porção pequena num pires, encheu uma tigela com água fresca e colocou tudo no chão.

Imediatamente o animalzinho aproximou-se do pires e começou a devorar a comida. Sem conseguir conter o riso, Brad pegou um garfo, sentou-se ao lado do cão e começou a comer o que restara do peru assado. De vez em quando, o cão levantava a cabeça e balançava o rabo antes de voltar a comer.

“É isto que está faltando nesta casa”, Brad pensou. “Um pouco de agradecimento. Algumas palavras de afirmação.” O mínimo que Ashley poderia fazer seria agradecer as horas que ele trabalhava todos os dias na construção. Além disso, em muitas tardes ele *havia evitado* ir ao bar a fim de voltar para casa e trabalhar com o marido de Esther. Charlie Moore e Brad estavam terminando o cômodo anexo à casa e embelezando o restante do local. Haviam pintado, consertado as rachaduras no teto por onde vazava água, calafetado a banheira e as pias e reforçado as janelas e portas.

Pelo menos o cãozinho notara o que havia recebido e manifestara gratidão. Após beber quase toda a água, o vira-lata subiu no colo de Brad e ajudou-o a acabar com o resto do peru assado. Por mais estranho que parecesse, Brad não se importou com o focinho preto limpando os cantos do prato de vidro.

— Somos muito parecidos, não, meu chapa? — ele disse ao cão. — Alguém deixou você dentro de uma caixa no estacionamento. E alguém me deixou sozinho, noite após noite, numa casa vazia perto do lago. Nós dois fomos abandonados por pessoas que pareciam nos amar. Que droga, não?

O cãozinho sentou-se na travessa vazia e encostou-se ao peito de Brad.

— Está querendo tirar outro cochilo? Bom, acho que vou lhe fazer companhia. Eu bem que poderia. Não há nada pra fazer por aqui.

Brad pegou o cão no colo e colocou a vasilha na pia com os outros pratos, copos e panelas vazios. Em seguida, jogou-se no sofá. Depois de desamarrar o cadarço das botas de trabalho, ele chutou-as para longe e esticou o corpo nas almofadas macias. O controle remoto estava fora do alcance da mão, e ele pensou em levantar-se para pegá-lo. Mas o cãozinho já se acomodara em seu braço.

“Rrnnn... rrnnn... rrnnn...”

Rindo, Brad passou as duas mãos ao redor daquela bolinha de pelos sujos e fechou os olhos. Ashley ficaria horrorizada quando entrasse em casa após a meia-noite. Mas pelo menos ele não estava no Larry. Não havia aberto nem uma cerveja. E certamente não estava com olhos grudados em Yvonne Ratcliff, com pensamentos que constrangiam até ele próprio.

Ashley esforçava-se para manter os olhos abertos enquanto dirigia seu velho Honda todo amassado na estrada curva e arborizada de acesso a Deepwater Cove. Ao longo das duas pistas havia valetas para drenar a água da chuva, e Ashley sabia que seria muito fácil sair do asfalto e capotar o veículo. O nome de três colegas do colégio de Camdenton estava escrito em cruces fincadas na encosta de um morro à beira daquela estrada. Ela não queria que seus pais chorassem enquanto enfeitavam uma cruz com rosas e hera no local em que a filha havia morrido.

Ao pensar em morte, ela lembrou-se imediatamente de Esther Moore e não conseguiu impedir que as lágrimas corressem por seu rosto. Mesmo duas semanas após o derrame que ceifou a vida de sua amiga, Ashley não conseguia acreditar que Esther tivesse morrido. Curiosamente, ela sentia alívio por poder chorar dentro do carro quente e silencioso, onde ninguém a via.

Brad detestava as explosões emocionais da esposa — de qualquer tipo. E em vez de consolá-la ou envolvê-la nos braços, como fazia no início do

casamento, ele agora ordenava que ela se desvencilhasse daquele sentimento. Que o tirasse da cabeça. Como se a recuperação pela morte de uma pessoa querida fosse tão fácil assim.

Fungando, Ashley girou o volante em direção a Deepwater Cove. Antigamente, ela ficava tão ansiosa por chegar em casa que precisava controlar-se para não pisar fundo no acelerador. Em sua imaginação, a casinha que ela e Brad haviam escolhido parecia uma cabana aconchegante perto do lago, à espera de um toque de amor do casal. Os cômodos eram pintados com tons claros e brilhantes como se fossem casacos macios a aquecê-los. Os objetos antigos e as cortinas eram como vestidos a enfeitá-los. Do lado de fora, os canteiros de erva-dedal, petúnias e gerânios eram hóspedes sempre bem-vindos.

— Monte de entulho —, ela resmungou ao estacionar o carro ao lado do de Brad naquilo que, um dia, havia sido uma entrada para carros coberta de pedregulhos. Agora não passava de uma faixa de ervas daninhas murchas. — Odeio esta casa. Janelas mal vedadas. Aquecedor de parede horroroso. Piso gelado. Cupins.

Os esconderijos de insetos haviam sido o primeiro sinal de problemas. Nenhum dos dois pensou em solicitar uma inspeção antes de comprar a casa. Livrar a casa dos cupins havia custado uma fortuna, e Ashley ainda tinha a sensação de ver insetos rastejando quando estava em casa sozinha.

O que quase sempre acontecia.

Ao abrir a porta da frente, ela viu o marido escarrapachado no sofá. Provavelmente havia bebido, como sempre. Ele costumava cair no sono no sofá, com a TV ligada e suas botas de trabalho malcheirosas jogadas a esmo no carpete manchado.

Ashley colocou a bolsa no chão perto da porta e tirou o casaco. Naquela noite seu querido marido não se dera ao trabalho de ligar a televisão. Ela engoliu em seco, imaginando quem teria sido a companhia de Brad no Bar do Larry. As poucas vezes que foram juntos ao local, ela notou os olhares enciumados de várias mulheres que frequentavam o bar.

A ideia de que seu marido poderia ter se envolvido com uma delas provocava-lhe náuseas.

Depois de tirar seus sapatos pretos de trabalho, Ashley caminhou penosamente em direção à cozinha. Apesar de trabalhar num restaurante, ela sempre chegava em casa com fome. Ao ver a pilha de pratos na pia, o coração de Ashley apertou-se. Será que Brad não entendia que ela estava muito ocupada — que se esforçava como louca para entregar todos os pedidos de colares antes do Natal e, além disso, trabalhava quase quarenta horas por semana no clube de campo? Será que ele não era capaz de dar uma ajuda mínima na cozinha?

“Rrnnn... rrnnn... rrnnn...”

Ashley parou no balcão do bar que separava a cozinha da sala. Brad não roncava daquela maneira. O ronco era mais forte e meio sufocado. Embora irritada, ela sentiu uma ponta de preocupação. E se seu marido estivesse doente? Por mais estranho que parecesse, ela quase desejou que isso fosse verdade. Poderia, então, preparar-lhe uma canja e aninhar-se ao lado dele no sofá. Ele não poderia ir ao Larry, e os dois ficariam juntos como nos velhos dias, antes de tudo tornar-se tão desagradável.

“Rrnnn... rrnnn... rrnnn...”

Preocupada, ela atravessou a sala na ponta dos pés até o lugar onde ele estava deitado. A fraca iluminação do luar que filtrava pela janela quase não lhe permitia enxergar o ambiente. Ashley costumava deixar uma lâmpada — ou duas — acesa quando saía. Ela detestava entrar na casa escura. O ronco de Brad perturbou-a, embora acompanhasse o ritmo de sua respiração.

Ajoelhando-se ao lado do sofá, ela inclinou o corpo e encostou a orelha no peito dele.

“Slept!”

Após esse som, uma coisa úmida, peluda e parecida com rato tocou o rosto de Ashley. Com um grito, ela perdeu o equilíbrio e caiu de costas, batendo o corpo com força no chão.

Brad deu um pulo no sofá.

— Há? — ele disse sem pensar, com os olhos turvos. — O que foi?

— Sou *eu*. — Ashley esticou o braço e acendeu o abajur. — Quem você pensou que fosse? O que há de errado com você?

— O que há de errado comigo? Foi você que gritou.

— O que era aquela coisa? — ela estremeceu. — Havia uma coisa deitada em cima de você, Brad. Eu senti.

— Ah, não. — Brad levantou-se e começou a tirar as almofadas do sofá. — Para onde ele foi? Venha aqui, garoto!

Ashley levantou-se do chão enquanto Brad andava pela sala, olhando atrás do sofá e levantando a barra das cortinas.

— O que você está *fazendo*? — Ela sentiu seu peito ficar sufocado, como já ocorrera antes. — Bradley Hanes, quanto você bebeu esta noite?

Endireitando o corpo, ele encarou-a.

— Não bebi nem uma cerveja. E para sua informação, há um cãozinho escondido em algum lugar desta casa, e é melhor você me ajudar a encontrá-lo.

— Um *cãozinho*?

“Au!” O som do latido forte e agudo veio da cozinha. “Au, au, au!”

Ashley deu meia-volta e quase colidiu com o marido. Ao parar subitamente, ela avistou um montinho sem forma, de pelos emaranhados e sujos, sentado ao lado de uma poça de xixi no chão. De algum lugar sob o pelo, uma cauda começou a balançar.

— Ah, rapaz! — Brad passou por ela e pegou a criatura na mão. Sua voz era carinhosa enquanto ele acariciava a cabeça do cãozinho. — Que bela maneira de se apresentar, seu barulhento! O que ela vai pensar, hein? Ela vai chutá-lo daqui pela porta da frente, e o que vai acontecer com você?

Ashley cravou os olhos naquele homem carinhoso, quase em estado de choque, amortecendo-lhe os sentidos enquanto ele segurava o cãozinho com uma das mãos e pegava um pedaço de papel toalha com a outra. Depois de algumas rápidas esfregadas e uma vaporização de

desinfetante, o piso de linóleo ficou mais limpo do que costumava estar havia semanas.

“Quem é este homem?”

— Você vai se comportar melhor? —, Brad perguntou ao chumaço de pelos emaranhados. Ele levantou o cãozinho e virou-o, ficando frente a frente com seu focinho preto molhado. “Você não pode sujar o chão, seu porquinho, está me ouvindo? Precisa avisar quando quiser ir lá fora. Assim.

Apenas de meias, Brad atravessou a sala até a porta, ajoelhou-se no chão e levantou a pata do cãozinho. Primeiro, Brad arranhou a madeira com as próprias unhas. Depois, colocou as unhas do cão na porta, e ambos treinaram várias vezes.

— Viu? —, ele murmurou, com o rosto encostado ao floquinho cinzento. — É assim que você tem de fazer. Não molhe o chão nem faça nenhuma sujeira dentro de casa. Se você não aprender a seguir as regras rapidamente, camaradinha, vai voltar para a caixa no estacionamento. Você não quer isso, quer? Acho que não. Por isso, seja um bom garoto.

Exausta e sentindo como se estivesse sonhando, Ashley viu o marido — um homem musculoso, ex-jogador de futebol americano, pele bronzeada por trabalhar em construções e bebedor de cerveja — beijar o focinho do cão.

Olhando para a esposa, Brad deu um sorriso enviesado.

— O que você acha? — ele perguntou, segurando o cãozinho. — Bonitinho, não? Será que serve para guardar a casa?

Ashley fitou atentamente o homem com quem havia casado, o homem que a decepcionara e enganara de quase todas as maneiras possíveis. Com seus olhos azuis suaves, ele passou a mão no pelo emaranhado do animalzinho.

Havia sobrado alguma coisa entre eles? Alguma coisa que valesse a pena guardar?

O cão deu um suspiro e acomodou-se no braço de Brad. E, num instante, seus olhos se fecharam.

“Rrnnn... rrnnn... rrnnn.”

O ronco suave provocou um leve sorriso nos lábios de Ashley. Ela olhou para o marido e assentiu com a cabeça.

— Ele serve para guardar a casa.

Brad enfiou uma colher no pote de sorvete de chocolate, encaixado sob seu braço como se fosse uma bola de futebol americano. Ashley estava se despindo — uma atividade que o marido sempre gostava de observar —, só que agora o cãozinho ficava mordendo as pernas de sua calça preta ou pegando uma meia e correndo pelo quarto com ela.

— Dê um jeito nele! — Ashley disse finalmente, virando-se para o marido. — Estou cansada disto. Você precisa trancá-lo num outro cômodo. E colocar alguns jornais no chão também.

— Trancá-lo? Você está brincando? — A imagem do cão sentado sozinho num canto trouxe à mente de Brad lembranças de castigos sofridos na infância: quartos escuros, a cinta do pai, um tapa no rosto. — Ele não está fazendo nada demais, Ash. Está apenas brincando com você.

— Não quero brincar, Brad. Quero dormir.

— Ah, sim, você não quer mais brincar. Já notei isso há alguns meses.

Ela lançou-lhe um olhar tenebroso enquanto ele colocava o pote de sorvete em cima da cômoda e levantava o cãozinho do chão.

— E não deixe que ele lamba sua colher deste jeito — ela complementou. — Chocolate é veneno para cães.

— Você acha que não sei cuidar dele, não? — Ele pôs o filhote no chão e sentou-se na beira da cama. — Admita.

— Brad, só estou dizendo que os cães podem morrer se comerem chocolate.

— Mas você disse que a gente podia ficar com ele, certo?

— Não ligo para o que você faz com ele. Só não quero que ele me morda. E é melhor dar um banho nele. Esta noite. Ele deve estar com pulgas, carrapatos, vermes e sabe-se lá o que mais. Você também vai precisar castrá-lo, senão ele vai começar a correr pela vizinhança à

procura de fêmeas. E se ele fizer buracos nos jardins, os vizinhos vão ficar furiosos. E a conta do veterinário vai ser paga com o seu salário.

Brad encarou a esposa. Ela estava soltando o cabelo, uma cascata de ondas ruivas com tons dourados que chegava à cintura. Em outra ocasião, ele não resistiria ao desejo de abraçá-la e colocá-la na cama... Mas Ashley havia enrolado suas calças compridas e as colocado num saco plástico no fundo do armário. Rapaz, que mau humor!

— Se ele for *o nosso* cão — Brad disse — nós dois vamos pagar as despesas dele. É o que as pessoas casadas fazem, lembra?

— *Não fui* eu que esqueci que somos casados. Não fico no bar a noite inteira com meus colegas de colégio, paquerando as garotas. Eu tenho dois trabalhos para pagar nossas contas. O banco já tomou seu caminhão. O que você quer que eu faça agora? Vender aquele calhambeque que tenho desde o segundo ano colegial?

Ela fez uma bola com a blusa e atirou-a no armário.

Sem saber como reagir diante daquelas acusações contra ele, Brad olhou para o cãozinho. Ele havia cravado os dentinhos na ponta da meia de Brad e estava andando para trás, fazendo um esforço enorme para arrancá-la de seu pé. Apesar de sentir vontade de rir do animalzinho, Brad sabia que não havia nada de engraçado nas acusações de Ashley.

Quase um ano após o casamento, eles ainda não sabiam lidar com a renda dos dois. Quando viviam em harmonia, eles concordaram em ter uma conta conjunta e pagar todas as despesas com esse dinheiro. Mas depois que começaram a brigar, decidiram que cada um tomaria conta de seu salário. O dinheiro entrava na conta e saía. Saía mais que entrava. Os débitos do cartão de crédito foram aumentando gradualmente, e a operadora cobrava juros sobre juros e exigia pagamentos pontuais para evitar taxas altíssimas. E pior, o cheque para pagar o financiamento da casa quase sempre era postado no correio com atraso.

— Ouça, Ashley, é você que está sempre fazendo encomendas para sua empresa de colares. — Brad decidiu tirar a meia e dá-la ao cão. — Não sei por que me culpa de todos os seus problemas. Você fez tantos

gastos com o cartão de crédito que nunca poderemos quitar a dívida. E não dá 1 centavo para as contas de água, luz e outras coisas. Quando chego em casa à noite, encontro todas as luzes acesas e brilhando como se fosse Natal.

— Natal?

Após dizer isso, ela mordeu o lábio inferior e vestiu com raiva sua camisola favorita de flanela com flores azuis, aquela que Brad mais detestava. Sem dizer nada, ela deu meia-volta e dirigiu-se à sala de estar. Com um latido de alegria, o cãozinho correu atrás dela.

Brad olhou para seu pé sem a meia.

Ele não sabia o que fazer. O que um homem poderia dizer a uma mulher como aquela? Ashley era temperamental. Quando não estava rindo, estava chorando ou zangada. Em geral, ele não conseguia nem começar a entender por quê.

— Estes são os jornais que você precisa pôr no chão quando sai de casa — sua esposa disse, entrando novamente no quarto com uma pilha de tabloides de propaganda numa das mãos e uma tigela com água na outra. — E nem pense em deixar esse cão entrar no novo cômodo. É a única coisa boa que temos. Não quero que ele mastigue tudo o que vê pela frente.

— *Esse cão?* Por que você está tão brava, Ashley? — Brad levantou-se e acompanhou-a ao banheiro. — Você deveria estar feliz. Não fui ao Bar do Larry esta noite. Não olhei para nenhuma mulher, a não ser para minha esposa, que vestiu sua camisola mais horrorosa, para que eu não sinta o menor desejo por ela. Aliás, entrei nesta casa vazia e sem nada para comer, a não ser uma droga de comida que sobrou no *freezer*. Não sei o que fiz de tão horrível.

— *Você nasceu,* Bradley Hanes!

De costas para ele, Ashley fez uma pausa e retesou o corpo. Um soluço ecoou pelas paredes revestidas de azulejo. Fungando alto, ela ajoelhou-se e colocou a tigela com água perto da pia. Em seguida começou a espalhar os jornais no chão.

Lutando contra a raiva que crescia em seu peito diante das palavras chocantes da esposa, Brad viu uma lágrima descer pelo rosto de Ashley e cair na folha de jornal. Depois outra. Ela encostou-se na parede do banheiro, dobrou os joelhos até o peito e escondeu a cabeça entre os braços. Ao ver os ombros da esposa estremecendo, Brad enfiou os polegares nos passadores de sua calça e olhou para ela. Como ele foi tão idiota a ponto de *casar* com aquele amontoado de cabelo, lágrimas e camisola velha e puída?

— Sinto muito — as palavras abafadas saíram da boca de Ashley e foram entrando aos poucos na mente de Brad. Ela respirou fundo. — Sinto muito mesmo, Brad. Eu não deveria ter dito isso. Mas não consigo acreditar que nosso casamento seja... Não posso acreditar que nós... Ah, não! Uma pulga!

Ela deu um salto do chão e pressionou o polegar contra o indicador. Cobriu os olhos com a mão livre e apontou a outra na direção dele.

— É uma pulga! Estava no meu braço. Não sei o que fazer com isto! Que horror! Que nojo! Aqui, pegue. Pegue, pegue!

Ele esticou o braço para pegar o inseto minúsculo. No momento em que Ashley abriu os dedos, a pulga desapareceu. Brad olhou para baixo e viu o cãozinho fitando-o, com a língua de fora, ofegante e feliz.

— Precisamos dar um banho no cão — Ashley avisou. Ela debruçou na banheira e abriu a torneira de água quente. — Pegue o cão e coloque-o aqui dentro. Vamos usar o seu xampu. Droga! Isto me assusta. E se as pulgas se espalharam pela casa? Pegue essa coisa, Brad.

— *Essa coisa?* — Ele olhou dentro dos olhos castanhos dela, vermelhos pelo choro. — O cão é macho. E vou me deitar.

— Não, não vai não! — ela agarrou-o pela manga da camisa. — Ponha o cãozinho na banheira, Brad. Estou falando sério. Odeio pulgas. Não suporto insetos. Vou perguntar a Jay que inseticida eles usam.

— Quem é Jay? — Brad interpelou-a enquanto levantava o cãozinho do chão e o colocava na banheira. — Você nunca mencionou esse nome.

— Ele trabalha no clube. É o chefe do setor de relacionamento com os clientes.

— Que idade tem esse cara? — O pavor caiu como uma pedra na boca do estômago de Brad quando ele empurrou o cãozinho para debaixo da água corrente da torneira. Na época em que ele conheceu Ashley, ela nunca mencionou o nome de nenhum homem no clube de campo, exceto os do *barman*, do *chef* e dos ajudantes de garçom — todos velhos demais ou jovens demais para atrair o interesse dela. Sabendo quanto era difícil lutar contra sua atração por Yvonne Ratcliff, Brad percebeu de repente que devia ficar de olho na esposa. Se ele sentia uma atração tão forte por...

“Au!” Quando se viu debaixo da água morna, o cãozinho deu um forte latido de doer os ouvidos e tentou correr na outra direção. Com as patinhas tentando arranhar a superfície de porcelana da banheira, ele conseguiu fugir da água.

“Auuu! Auuu-auuu-auuu!” Ganindo de dar dó, ele escorregou e caiu de barriga na poça que se formara ao redor da tampa do ralo. Ao tentar ficar em pé novamente, ele bateu a cabeça na borda da banheira.

— Minha nossa! — Ashley tirou-o da água com as duas mãos e segurou-o nos braços. — Você está bem? Foi uma pancada e tanto. Deixe-me ver.

Aturdido com o comportamento da esposa pela enésima vez naquela noite, Brad observou enquanto ela examinava a cabecinha peluda do filhote. Ao constatar que não havia nenhum ferimento, ela encostou os lábios na orelhinha macia. O cão lambeu-lhe o rosto, e ela riu.

— Pare com isto, belezinha! — ela murmurou. — Agora você vai entrar nesta banheira e tomar um banho. Nada de *se, e* ou *mais*. Ah, Brad, aposto que ele nunca tomou banho. Isso não é horrível? Ele parece ter saído de baixo de um celeiro qualquer. Deve estar sentindo a falta da mamãe dele e de seus irmãozinhos. Coitadinho!

Brad ajoelhou-se ao lado de Ashley. Ela voltou a colocar o cão na banheira, segurou-o firmemente com uma das mãos e jogou água nele

com a outra. Sabendo instintivamente o que Ashley queria fazer em seguida, Brad despejou uma trilha de xampu nas costas do cão.

— Ajude-me a segurá-lo — Ashley instruiu. — Ele não vai gostar disto.

Ambos seguraram firme o cãozinho que se contorcia e fizeram espuma com o xampu. Imediatamente a espuma se escureceu com sujeira e terra e começou a pingar na banheira. Ashley tentava segurar o cão e acalmá-lo enquanto ensaboava os pelos compridos de suas orelhas e de seu corpo até a ponta da cauda. Quando ela se endireitou para poder respirar melhor, ele sacudiu o corpo violentamente, espirrando espuma suja no banheiro e nos dois habitantes humanos da casa.

— Ah, não! — Ashley gritou, caindo na gargalhada. — Pegue-o, Brad. Ele vai fugir.

A sujeira dentro da banheira deu um pouco de equilíbrio ao cão, e ele esforçou-se ao máximo para pular fora. Com muita dificuldade, Brad tentava segurar a bolinha de espuma escorregadia.

“Au! Au! Au!”

— Jogue um pouco de água limpa nele — Brad disse a Ashley. — Não consigo segurá-lo.

— Ele está querendo fugir! — ela gritou enquanto o cãozinho sacudia o corpo novamente.

Ela recolheu a água da torneira com as duas mãos e jogou-a sobre o cão.

Brad conseguiu passar as duas mãos em volta da barriga do animal, com os dedos abertos, como se estivesse segurando uma bola. Apesar dos gritos e uivos, ele pôs o cãozinho de novo sob a água morna da torneira e ajudou Ashley a tirar o resto do xampu.

— Ele é marrom! — ela exclamou. — E tem uma mancha branca na cabeça. Veja as patas dele. São brancas também. Pensei que ele fosse cinza, e você? Vamos passar mais xampu nele.

— Outra vez?

Apesar de achar a ideia muito complicada, Brad cooperou com a esposa para lavar o cãozinho mais uma vez com xampu. Agora a espuma que se formou era branca, e o cão dominado submeteu-se choramingando à última enxaguada.

Ashley pegou uma toalha, enrolou o cãozinho nela e segurou-o nos braços.

— Ele é uma gracinha — ela murmurou. — Veja os olhos castanhos dele, Brad. Ele não é um amor? E agora está com cheiro bom. Coitadinho. Você foi abandonado, não? Foi, sim. É um bebezinho abandonado.

Brad sentou-se na tampa do vaso sanitário. Devia ser 1 ou 2 horas da manhã. Logo ele precisaria tomar uma ducha acompanhada e um café e seguir para o condomínio que seu patrão estava construindo perto da praia Sunrise. Bill Walters não gostava que os empregados chegassem atrasados, e tinha pouca tolerância com desculpas esfarrapadas. O trabalho era constante, pagava bem, e ele havia feito algumas amizades. Mas fora isso, Brad não gostava muito do emprego. E a última coisa de que precisava era dar banho num cãozinho no meio da noite.

— Ele é mesmo uma gracinha — Ashley disse, fitando o marido com seus olhos castanhos. — Você o encontrou num estacionamento?

— No estacionamento do Larry. Eu estava indo para lá com Mack quando ouvimos esta coisinha barulhenta numa caixa de papelão. Ele estava dentro da caixa. Eu não podia deixá-lo morrer congelado.

— Puxa! — ela inclinou o corpo e beijou o rosto do marido. — Não sabia que você era tão carinhoso e sentimental.

— Hummm. — Ele descansou os cotovelos nos joelhos.

— O que foi?

— Às vezes penso que você não me conhece muito bem, Ash. Parece que atualmente nós brigamos durante a maior parte do tempo. É como se fôssemos inimigos em vez de duas pessoas que deviam se amar. Alguns minutos atrás você disse que estava brava comigo porque eu existo.

— Não volte a falar nisso, Brad. Já me desculpei. Não queria ser tão grosseira. — Ela sacudiu a cabeça. — Estou muito cansada, e a casa está um caos. Trabalhamos o tempo todo e não nos divertimos mais. Não *sentimos* alegria. Não sei o que aconteceu conosco.

“Rrnnn... rrnnn... rrnnn...”

Ashley olhou para o cãozinho em seus braços e sorriu para Brad.

— Ele dormiu. — ela disse baixinho. — Devia estar exausto. E veja este banheiro. E nós.

Era uma cena e tanto, Brad teve de admitir. Havia respingos de lama marrom nas paredes de azulejo branco. Sua camisa estava encharcada, e apenas um de seus pés estava com meia. Ashley segurava o cãozinho contra o queixo, e Brad tinha certeza de que a camisola dela devia estar ensopada.

— Vou jogar água na banheira — ele sugeriu — e você vai encontrar uma caixa qualquer para ele dormir. Que tal?

— Amo você, Bradley Hanes — ela disse, beijando-o de novo. — Amo você e quero que tudo volte a ser maravilhoso conosco.

Enquanto jogava água limpa em toda a banheira, Brad sacudiu a cabeça. Ele *não* entendia sua esposa. Será que todas as mulheres eram tão emotivas assim, ou será que apenas Ashley se comportava dessa maneira? Como ela podia ser tão detestável num minuto e, em seguida, ser tão carinhosa como uma pombinha? Será que ela adorava o marido por ele ter salvado o cãozinho? Ou simplesmente adorava o cãozinho?

Casamento era um grande jogo de adivinhação, Brad concluía. Ele nunca sabia o que encontraria quando estivesse frente a frente com a esposa. Ela poderia estar chorando a morte de Esther Moore, exultante por ter recebido uma grande encomenda de colares, zangada com ele por uma ofensa que ele não imaginara ter cometido ou rindo por um fato engraçado ocorrido no clube de campo. E qualquer que fosse o humor de Ashley, sempre sobrava para Brad. Como seria possível vencer sempre?

Ele também sabia que não deveria ter levado o cão para casa. No decorrer do tempo, o animalzinho traria problemas. Porém, ele gostara de ver Ashley voltar a sorrir. Ela estava certa a respeito de uma coisa. Eles raramente sentiam alegria. Levando tudo isso em consideração, o casamento era a pior coisa do mundo.

Em pé, ele esticou os braços. Todos os músculos doíam. Ele havia carregado madeira o dia todo na construção do condomínio, e o pescoço e os bíceps pareciam ter sido socados com uma marreta. Cansado demais para ordenar os pensamentos, ele escovou os dentes e tirou a camisa molhada. Ashley ficaria brava se ele não pusesse as roupas empilhadas no armário, mas àquela altura ele se daria por satisfeito de poder chegar até a cama. Deixou a camisa no chão do banheiro ao lado da calça *jeans* e de um pé de meia.

Ao abrir a porta do quarto, ele viu a silhueta da esposa sob o luar que atravessava a janela. A fatídica camisola azul de flanela desaparecera. Ashley estava escovando o cabelo comprido, e ele conseguiu enxergar o contorno de cada curva de seu corpo.

— Ash? — a exaustão sumiu repentinamente. Brad aproximou-se da esposa por trás e passou os braços ao redor da cintura dela.

— Obrigada por não ter ido ao Larry — ela cochichou enquanto a boca de Brad roçava-lhe os lábios. — Obrigada por ter salvado o cãozinho de morrer congelado.

— Obrigado por ter tirado aquela camisola.

— Amo você, Brad. — Virando-se para abraçá-lo também, ela passou as mãos nas costas dele e começou a massagear os músculos retesados. — Sinto sua falta.

— Estou aqui, lindeza — ele murmurou. — Inteirinho seu.

Com um suspiro de prazer, ela deitou-se na cama. Brad deitou-se ao lado dela, mal conseguindo acreditar que o pesadelo estava se transformando rapidamente em sonho. Quando seus lábios se uniram, ele sentiu um volume pressionando-lhe o ombro.

“Slept!”

Ao ouvir o som, Brad prendeu a respiração. Ashley, porém, riu e aconchegou-se a ele.

— Não consegui fazer o cãozinho ficar dentro da caixa — ela disse.
— Você não se importa, não?

— Bom, eu...

Quando ela começou a beijar seu pescoço, Brad percebeu que não se importaria, claro. Nem um pouco.

— **Ouvi dizer que Brad** e Ashley Hanes adotaram um cãozinho — Patsy Pringle comentou enquanto cortava o cabelo curto e loiro de Miranda Finley. — Alguns dizem que é um vira-lata, mas outros acham que pode ser um cão de raça. Você mora do lado da casa deles. Já viu o cão?

— Ah, vejo o tempo todo. Tagarela, é assim que eles o chamam. Um nome apropriado. O cão “fala” sem parar. Nunca vi coisa igual. Com base nas orelhas e nos latidos, desconfio que seja filhote de *cavalier king charles spaniel*. Ele tem uma mancha castanho-avermelhada na cabeça, que poderia ser significativa, mas penso que ele também tem traços de *border collie* e talvez de *golden retriever* também. Não, tenho certeza de que Tagarela não tem *pedigree*. Pode acreditar, Patsy. Eu assistia a desfiles de cães em St. Louis.

Desde que se mudara para a região do lago na primavera anterior, Miranda tornara-se cliente regular do salão de beleza de Patsy, o Assim Como Estou. Após a morte de Esther Moore, ela pediu respeitosamente para preencher o horário de Esther, marcado para todas as sextas-feiras à tarde. Patsy ficou agradecida. Ter uma amiga na cadeira e a certeza de uma conversa interessante eram os ingredientes certos para a hora passar mais tranquilamente.

— Você assistia a desfiles de cães? Por lazer? — Patsy não considerava essa atividade nem um pouco interessante. Recentemente, ela aprendera a apreciar corridas de *stock cars* com o noivo. Pete Roberts, proprietário da loja de artigos para pesca, ao lado do salão, era grande admirador da

Nascar.² Desfiles de cães e corridas de carro. Cada um tem seu gosto, ela imaginou.

— Tenho amigos queridos que possuem uma *bichon frisé* adorável — Miranda explicou. — Ela ganhou vários prêmios, e seus filhotes são muito procurados. Você poderia cortar um pouco mais atrás, Patsy? Estou usando gola olímpica com frequência nestes dias. E você sabe que é muito fácil o cabelo assentar-se no lugar errado com uma gola alta. Normalmente não uso gola olímpica, mas tenho passado muito tempo dentro e fora da nova casa que comecei a reformar. Golas olímpicas, malhas de lã, jaquetas, casacos. Isso torna as coisas mais fáceis. Posso tirar um por vez quando começo a sentir calor.

— Você está se dando bem lá? — Patsy perguntou.

Algumas semanas antes, Miranda comprara uma casa que permanecera vazia durante muito tempo, ao lado da pequena residência dos Hanes. A casa tinha uma vista maravilhosa do lago, mas a área construída não era muito grande. Também havia rumores de que a estrutura de madeira estava corroída por cupins — embora Patsy detestasse levantar esse assunto —, conforme havia acontecido com a casa de Ashley e Brad. Patsy esperava sinceramente que Miranda tivesse solicitado uma inspeção.

— Para dizer a verdade — a mulher mais velha disse — a mudança de St. Louis tem sido cansativa demais. Se não fosse a ajuda de Charlie Moore, não sei o que eu faria. A empresa de dedetização encontrou cupins.

Patsy prendeu a respiração.

— Verdade?

— Claro que isso derrubou o preço consideravelmente, e a cozinha e o quarto de hóspedes são pequenos demais. Por sorte, Charlie é um homem muito bom. Eu havia pedido a ele que me ajudasse a colocar os móveis no lugar. Mas as coisas mudaram, e ele está reconstruindo uma grande parte da estrutura de minha casa. Estamos instalando uma janela saliente na cozinha, para que eu possa pôr uma mesa ali e contemplar o

lago de manhã. O quarto está ganhando um novo armário e novas esquadrias de janela. Acabei pondo todos os móveis e peças de decoração num depósito até poder mudar para a casa sem despencar de um andar no outro.

— Minha nossa! — Patsy esfregou um pouco de gel nas mãos e começou a passá-lo nos cabelos de Miranda. — Não sabia que a casa se encontrava em tão mau estado. Bom, tenho certeza de que Charlie não se importará nem um pouco de permanecer ocupado nestes tempos. Ele deve estar sentindo muito a falta de Esther. Não posso imaginar perder uma pessoa querida bem no meio dos feriados. Ele parecia arrasado no Dia de Ação de Graças, como se estivesse entorpecido. Eu acho que ele estava entorpecido. Acho que todos nós estávamos.

— Não fiquei tão triste com a morte de Esther quanto a maioria das pessoas, imagino. — Miranda olhou-se no espelho enquanto Patsy colocava os fios curtos no lugar. — Sei que minhas crenças não são muito aceitas aqui, mas estou convencida de que a bela alma de Esther Moore já encontrou um novo lar. O ciclo da vida continua, e nós, os humanos, nos juntamos ao resto da natureza na eterna rotatividade da regeneração e renovação.

Foi difícil para Patsy conter um riso de escárnio. Ela entendia a importância de respeitar a fé alheia. Mesmo assim, a ideia maluca de Miranda de que Esther poderia ter reencarnado era demais. Esther, uma das mulheres mais firmes e mais retas da igreja que Patsy jamais conhecera, punha sua fé em prática todos os dias.

— Concordo que Esther tenha ido para um lugar melhor — Patsy disse. — Um lugar eterno, que chamo de céu.

Miranda segurou a mão de Patsy e fez um gesto para que ela se aproximasse. Assim que Patsy curvou o corpo, Miranda sussurrou:

— Esther é o cãozinho.

— O quê? — Patsy exclamou, retesando o corpo.

— O cão que Brad encontrou um dia desses. O Tagarela. Estou convencida de que a essência infinita de Esther retornou para ajudar

Ashley.

— Esther é um *cão*? — Assustada com as palavras de Miranda, Patsy não conseguiu falar baixo como costumava fazer. No salão, os acordes de sua música favorita abafavam o ruído dos secadores, da conversa das mulheres sentadas nas cadeiras de vinil preto e do tilintar das xícaras e pires na área de chá. Mas o comentário de Miranda foi demais.

— Aquele cãozinho é *macho* — Patsy declarou, com a mão no quadril. — Não passa de um vira-lata que Brad encontrou dentro de uma caixa de papelão perto do Bar do Larry e levou para casa para que ele não morresse congelado. Ora, qual é a sua, Miranda? Não me diga que você acredita que Esther Moore voltou como um cão.

— Não a Esther em si. A *alma* dela. E por que não? Nós duas acreditamos no espírito eterno da vida. Você acha que a alma começa no nascimento e atravessa a morte até chegar ao céu, um lugar de recompensa.

— Ou ao inferno. — Patsy não resistiu e complementou a frase de Miranda. — E aí não se vai para um lugar de recompensa. De acordo com a Bíblia, ninguém pode ir para o céu com base no que fez na terra. Tudo gira em torno da fé que temos.

— Bom, sim... Conheço seus pontos de vista, Patsy. Parece que todas as vezes que ando por aqui, na região do lago, alguém começa a me pregar sermões. Mas acredito que o espírito não tem começo nem fim. Ele simplesmente é. A energia divina habita dentro de cada um de nós, e a alma de Esther, se é assim que você quer chamar, transformou-se num ser que ajudará uma pessoa necessitada. Ashley, a amiga dela.

Patsy jogou um último jato de fixador no cabelo de Miranda e tampou a lata com mais força que necessário. A conversa passara dos limites, e ela simplesmente não podia continuar ouvindo tantas bobagens. Fosse cliente ou não, Miranda não tinha o direito de dizer aquelas coisas a respeito da querida amiga de Patsy.

— Se Esther pudesse escolher em que se tornaria — Patsy informou a Miranda — não seria um cão. Ela amava Boofer, claro, o velho vira-lata

que anda por aí no carrinho de golfe de Charlie. Mas por que cargas-d'água ela haveria de querer transformar-se num cãozinho coberto de lama e quase congelado?

— Para salvar a amiga, claro. — Miranda levantou-se, sem fazer nenhum esforço para falar baixo. — Ashley e Brad estão enfrentando problemas conjugais. Moro ao lado deles, mas qualquer um sabe disso. Aquele cãozinho pode ser a salvação deles, Patsy. Se Esther pudesse fazer isso, não tenho dúvida de que o faria.

Tendo dito isso, ela caminhou com passos largos em direção à caixa registradora. Patsy teve a sensação de que não receberia a gorjeta costumeira, e não se importou com isso. Miranda era uma mulher atraente, boa amiga e avó generosa, e havia feito o possível para entrosar-se na comunidade de Deepwater Cove. Porém, seus modos de mulher de cidade grande e suas ideias sobre religião quase sempre pegavam o pessoal desprevenido.

Havia, evidentemente, muitas pessoas neste mundo que acreditavam em essência espiritual, reencarnação, regeneração da alma e coisas do gênero. Pensavam que a moralidade e os valores virtuosos receberiam recompensas eternas. Mas como alguém poderia pensar que Esther Moore — meiga, bondosa, genuinamente divertida e, acima de tudo, boa cristã— poderia ter se transformado num vira-lata de pelos emaranhados? Isso extrapolava a compreensão de Patsy.

Miranda saiu do salão com o cabelo lindo, mas um pouco ofendida. Também não deixou gorjeta. Patsy não fez caso disso. A chance de sentar-se na área de chá e tomar uma xícara de chá inglês parecia o tônico perfeito para sua sensação de desânimo no fim de um dia longo e cansativo.

Enquanto se dirigia à garrafa de água quente para preparar o chá, Patsy cumprimentou várias clientes assíduas que conversavam diante de xícaras fumegantes, mordiscando quitutes do balcão de doces na área de chá. A claridade da tarde entrava pela enorme janela de frente para a rua, iluminando as mesas redondas e as cadeiras.

Desde a organização do Clube dos Amantes de Chá na última primavera, muitas lembranças agradáveis haviam sido criadas naquele espaço aconchegante. A maioria incluía Esther Moore. Porém, outras pessoas queridas também tomavam conta do ambiente na imaginação de Patsy, inclusive Miranda Finley com sua tranquila nora. Grávida de outros dois gêmeos, Kim Finley parecia mais feliz e mais viçosa que nunca. Brenda Hansen e suas lindas filhas, Jennifer e Jessica, deviam estar discutindo o casamento que se aproximava...

— Oi, Patsy, estava pensando em tomar emprestado o seu carro e dar uma volta no estacionamento para ver se não bato em nada desta vez. O que você diz sobre minha ideia?

Despertando de seu devaneio e voltando à realidade, Patsy avistou o rapaz bonito de cabelos encaracolados que se sentara ao lado dela.

— Cody Goss, você não vai pegar o meu carro nem o de outra pessoa para andar por aí sem carteira de motorista — Patsy replicou. — Não consigo acreditar que Jennifer emprestou o carro dela a você. Fique satisfeito por ter apenas amassado a placa do carro quando bateu naquele poste. Você sabe muito bem que precisa estudar o manual da autoescola, passar no exame e receber a habilitação antes de sentar-se diante de um volante. E quando isso acontecer, deverá levar a carteira de motorista com você. Do jeito que as coisas vão, você terá sorte se encontrar alguém corajoso o suficiente para isso.

— Aquele livrinho da autoescola é a coisa mais sem graça que já li, Patsy. Não fala de arte impressionista, nem de procedimento parlamentar, nem de morar na encosta de uma montanha, nem de nada interessante. Tem mais números que outra coisa.

— É verdade, porque é preciso conhecer esses números para dirigir um carro. — Tentando acalmar-se, Patsy tomou um gole de chá. O coitado do Cody nunca tinha a intenção de aborrecer ninguém com suas perguntas desconcertantes e comentários estranhos. Na verdade, provavelmente ele era o ser humano mais bondoso e sincero que ela conhecera. Mas havia ocasiões em que ele tirava Patsy do sério.

— Não gosto de números — Cody disse. — Eles não ficam gravados na minha cabeça.

— Sei que isso é difícil, querido. Mas se você quiser ter uma carteira de motorista, precisa memorizar os limites de velocidade, a distância que deve manter de outro carro, todas essas coisas. Você já enfrentou situações piores na vida. Sei que vai conseguir. Continue tentando.

Cody olhou para a mesa. Havia comido bolo de chocolate um pouco antes, e havia migalhas presas na barba malfeita. Com o coração enternecido, Patsy tirou as migalhas. O rapaz era muito esforçado.

— Tenho uma ideia — ela disse, pousando sua mão sobre a dele. — Que tal se a gente pedir a alguém que o ajude a memorizar os números do manual de direção?

— Se essa pessoa for Jennifer, eu já tentei. Ela não quer. Ela está de férias da escola de missionários, mas fica o tempo todo no quarto e não quer sair. Quando sai, diz que fica lá dentro *pensando*. Eu disse a ela que também estou pensando, e estou pensando que ela precisa sair do quarto.

— Ela vai sair quando estiver pronta, Cody.

— Eu amo Jennifer de verdade, Patsy. Amo de todo o coração. Mas às vezes não entendo nem um pouco essa moça.

— Bem-vindo ao mundo dos homens, meu chapa. — Pete Roberts apertou as costas de Cody, deu um beijo no rosto de Patsy e sentou-se numa cadeira diante da mesa onde eles estavam. Pete, o segundo homem que ingressou no Clube dos Amantes de Chá depois de Cody, habituara-se a visitar a área de chá do salão de Patsy todas as tardes por volta desse horário.

— As mulheres são um mistério — ele alertou Cody. — Quando você tem certeza de que sabe o que elas estão pensando, descobre que está redondamente enganado. É melhor você dar um tempo a Jennifer, Cody. Ela passou uma temporada difícil no México. Aqueles bandidos que agrediram o grupo missionário dela deveriam ser enxotados de lá e chicoteados.

— Nada disso teria acontecido se eu estivesse com ela — Cody insistiu. — Eu jamais iria deixar que alguém batesse em Jennifer e em seus amigos e roubasse as bolsas, os relógios e os anéis deles. Eu iria proteger Jennifer. Os caras podiam até me matar, mas não iriam machucá-la.

— Eu sei, Cody — Patsy disse, mexendo no cabelo escuro e encaracolado dele. — Você é bom demais.

Ele fez cara de bravo.

— Eu sei ser mau se for preciso, Patsy. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” Está em João 15.13, e dar a vida significa morrer.

— Mas todos sofreriam se você morresse — Patsy protestou.

— Eu daria a minha vida por Jennifer, e, se fosse morto por bandidos, não voltaria na forma de um cão, pode ter certeza, porque foi exatamente isso o que eu disse a Miranda Finley.

Patsy olhou de relance para Pete. Ele devolveu o olhar como se tivesse ouvido a coisa mais estapafúrdia deste mundo. Ela enroscou o braço no bíceps musculoso de seu futuro marido e encostou a cabeça em seu ombro grande e confortável.

— Cody, você andou bisbilhotando minha conversa com Miranda? — ela perguntou.

— Não, eu escutei enquanto vocês falavam.

— É o mesmo que bisbilhotar. Miranda e eu estávamos conversando reservadamente.

— Ah, sim, uma conversa sobre a sra. Moore ter morrido e se transformado no cão de Brad e Ashley. E se o sr. Moore descobrir que a dona da casa em que ele está trabalhando acha que Tagarela é a mulher dele? Ele vai ficar bravo ou cair morto de infarto.

— Bom, em primeiro lugar você não deveria escutar a conversa dos outros. Isso contraria a etiqueta social.

— OK. — Cody olhou para um ponto distante por um momento. Mas seu remorso foi rapidamente substituído por determinação. — Há

coisas piores que contrariar a etiqueta social, Patsy.

Ele levantou a mão e começou a enumerar os motivos com os dedos.

— A coisa pior número um é dizer às pessoas que a sra. Moore se transformou num cão. A número dois é ser bandido e assustar Jennifer, que não fala mais comigo. A número três é contar às mulheres do salão que Brad e Ashley estão com problema no casamento, mesmo que todo mundo já saiba. E a quatro é escrever um manual de autoescola cheio de números que algumas pessoas não conseguem decorar porque o cérebro delas não funciona dessa maneira.

— Ei, espere um pouco. — Pete olhou para Patsy com ar de preocupação. — Alguém acha que Esther Moore se transformou num cão? Os Hanes estão com problema no casamento? Sou o único aqui que não sabe de nada?

— Eu explico mais tarde — Patsy respondeu.

Cody levantou-se.

— Vou começar a passar pano no chão. E caso a sra. Finley não saiba, a sra. Moore nunca teve pulgas.

2 Nascar (National Association for Stock Car Auto Racing) é uma organização particular norte-americana que organiza corridas de carro. (N. do T.)

Ashley empurrou uma bandeja de plástico na mesa, em direção à sua área de trabalho. Enquanto separava a coleção de contas dentro da bandeja, ela forçou-se a engolir a onda de tristeza que tomou conta de todo o seu ser. Fazia apenas um mês, ela pensou enquanto mexia delicadamente nas contas com os dedos, que Esther Moore tinha guardado aquelas mesmas contas em seus pequenos compartimentos. Antes de Esther sofrer o derrame, os Moores haviam se prontificado a ajudar Ashley em sua empresa, que crescia a olhos vistos. Todas as tardes o casal sentava-se na varanda e separava as contas de dentro dos saquinhos que ela deixara com eles.

Quando devolveu as bandejas de plástico numa manhã após a morte da esposa, Charlie contou a Ashley que algumas contas poderiam estar em compartimentos errados. Esther estava cada vez mais confusa em seus últimos dias de vida, ele recordou-se. Charlie também se culpava por não ter insistido em convencer a esposa a submeter-se ao procedimento médico que poderia ter prolongado sua vida. Ashley lembrou-o de que o médico dissera que nada poderia ter salvado a vida de Esther, e que Charlie não deveria se sentir culpado.

Fungando, Ashley notou que Charlie estava certo a respeito das bandejas. Aquela em especial estava um desastre. Contas azuis misturadas com roxas, e as contas vermelhas estavam no compartimento das cor-de-rosa. Porém, isso não aborrecia Ashley nem um pouco. Ela estava tão cansada de montar colares e braceletes que quase não se importava com as cores que usava.

— Você está bem? — a voz suave veio da escada de acesso ao porão.
— Pensei ter ouvido alguém chorando.

Ashley passou a mão no rosto, virou-se e viu Jennifer Hansen em pé no último degrau. As duas se conheciam havia anos. Ashley e Jessica, a irmã mais nova de Jennifer, haviam estudado juntas no curso primário. As três tornaram-se amigas no curso colegial, mas, um tempo depois, Ashley começou a trabalhar na lanchonete dos pais durante a tarde. Jessica costumava frequentar as rodas sociais, ao passo que Jennifer permanecia em casa, concentrada nos deveres de casa. Diante da dificuldade de se encontrar com mais frequência, as três se separaram.

— Estou bem — Ashley disse à bela loira. — Apenas cansada, acho.

— Você continua a trabalhar na lanchonete de seus pais perto da escola?

— Não, só em caso de emergência. Agora trabalho como garçonne no clube de campo.

Ashley notou que Jennifer se aproximava da mesa de trabalho, e queria desesperadamente ficar sozinha. Ela lamentava o fato de ter de trabalhar com as contas no porão da casa dos Hansens, transformado em sala de artesanato. Sua casa era pequena demais para acomodar a empresa em expansão, e aquilo significava passar horas com a sensação de ter invadido a privacidade da família.

Ashley queria que Jennifer subisse a escada. As duas jovens não tinham mais nada em comum. Ashley não sabia sequer como iniciar a conversa com alguém que decidira ser missionária. Francamente, aquela era a coisa mais estranha do mundo.

— Meus pais costumam frequentar o clube de campo — Jennifer observou. — Eles gostam da comida de lá. Papai me contou que eles marcam encontro com os clientes da imobiliária ou com os clientes da loja de minha mãe para jantar lá.

— É verdade, eu sempre os vejo. — Ashley voltou a enfiar um conjunto de contas vermelhas num fio transparente, para montar uma peça que uma cliente de St. Louis encomendara para o Natal.

— Então, na verdade você está trabalhando em dois empregos. — Jennifer puxou um banquinho em frente a Ashley e apoiou os cotovelos

na mesa de trabalho. — Minha mãe disse que você está trabalhando com as contas dia e noite, porque agora você tem um *site* na internet.

— Foi Miranda quem fez isso. Ela também fez meus cartões de visita.

— Ela também desenhou alguns para Cody... para sua “empresa” de pintura. Acho que ela quer incentivar todo mundo. — Jennifer permaneceu em silêncio por um momento, observando Ashley montar a peça. — Mas talvez nem todo mundo queira receber incentivo.

Ashley colocou uma mecha grossa de cabelo ruivo atrás da orelha e não levantou a cabeça.

— Este trabalho exige muito tempo, mas estou feliz por levar um pouco mais de dinheiro para casa. Bem... vai ser bom quando as clientes começarem a me pagar. Até agora, eu tenho enviado as peças e as faturas pelo correio e só de vez em quando recebo um cheque.

— Talvez fosse melhor você pedir pagamento adiantado.

Erguendo a cabeça, Ashley lutou contra a irritação provocada por aquele comentário. O que Jennifer Hansen entendia de negócios? Nunca foi forçada a fazer nenhum trabalho na vida, por menor que fosse. O pai era proprietário de uma das imobiliárias mais bem-sucedidas da região do lago. A mãe acabara de abrir uma boutique de decorações e presentes em Tranquility. Jennifer tinha um carro novo e se formara na faculdade. Agora estava participando de um seminário religioso e planejando morar na selva para pregar aos nativos.

Voltando a concentrar-se no colar, Ashley admitiu que Jennifer poderia estar sendo crítica demais. Sua viagem ao México não dera certo, mas será que isso lhe dava o direito de permanecer amuada e trancada no quarto? Se isso tivesse acontecido com Ashley, ela deveria apresentar-se pontualmente no clube de campo na mesma noite. E teria também de montar dezenas de colares.

— Não entendo nada de negócios — Jennifer disse, repercutindo os pensamentos de Ashley. — Fiz especialização em antropologia. Você está certa em enviar as peças antes e confiar que o dinheiro chegue. Eu não saberia dirigir uma empresa.

— Se Miranda Finley estivesse empurrando você, saberia, sim. Aquela mulher não para nunca.

Jennifer sorriu.

— Ouvi dizer que ela conseguiu que todas as suas amigas de St. Louis fizessem pedidos.

— E elas contaram a todas as suas amigas de Kansas City, de Nova York, de Los Angeles... — Ashley respirou fundo. — É uma loucura. Quero dizer, são apenas *contas*. Por que tanto estardalhaço? Eu nunca quis dirigir uma empresa. Queria ser professora de jardim de infância, sabe? Qualquer criança de 5 anos sabe fazer estas coisas bobas.

Ao dizer isso, Ashley jogou uma conta na mesa. A conta passou por Jennifer e bateu na parede. Cobrindo a cabeça com as mãos, Ashley desistiu de reprimir sua dor. “De que adiantava agir com tanta confiança?”, ela pensou, com o rosto banhado em lágrimas. Sua vida estava em frangalhos. Nada se encaixava nem funcionava da maneira que ela queria. Tudo não passava de uma grande piada.

— Suas contas são lindas — Jennifer disse com ternura. — São obras de arte. Todos gostam delas, a sra. Moore as adorava. Ela sempre falava de suas contas e sentia-se orgulhosa por você estar começando a vendê-las. Vocês duas eram muito ligadas, não? Sei que você a ajudou muito após o acidente.

— Ela *me* ajudou — Ashley disse, soluçando. — A sra. Moore separava as contas para mim, e estava me ensinando a cozinhar. Mas ela também... Bom, ela era minha amiga. Conversávamos muito. Ela costumava dizer: “Sou muito desligada”, e era verdade. Nunca pensei que uma senhora de mais idade pudesse ser uma amiga tão interessante e divertida, mas ela era. Sinto muitas saudades dela. Não posso acreditar... Não posso acreditar que ela esteja morta.

Ashley não conseguiu deixar de olhar para Jennifer, como se de alguma forma ela e sua preciosa religião fossem culpadas de tudo. Embora Jennifer não tivesse nada a ver com a morte de Esther Moore, o sofrimento e a raiva explodiram.

— Se Deus é tão maravilhoso a ponto de você ir para a selva e falar dele aos outros povos — Ashley disse com esforço — então por que ele permitiu que a sra. Moore morresse? Ela era uma boa pessoa. Não queria o mal de ninguém. Por que os assassinos e ladrões, e os bêbados, por que eles continuam a viver e a infernizar a vida das outras pessoas? Isso é justo? É certo? De jeito nenhum. Se alguém merecia ter uma vida longa e feliz, esse alguém era a sra. Moore. Mas ela teve aquela droga de derrame, que deixou o sr. Moore... eu... Boofer e todo mundo... sozinhos. Odeio isso.

Enquanto Ashley extravasava seus pensamentos, Jennifer examinou as contas delicadas na bandeja, pintadas e gravadas com água-forte. Quando, porém, Ashley terminou seu desabafo, Jennifer empurrou a bandeja e enxugou o rosto.

— Não sei, Ash — ela disse baixinho, com voz de choro. — Eu também não entendo. Quero dizer, foi mais ou menos o que aconteceu comigo. Nosso grupo missionário estava em Oaxaca, uma cidadezinha quente e muito suja, fazendo uma boa obra, sem prejudicar ninguém. Estávamos distribuindo Bíblias em espanhol. De graça. Convivemos com aquele povo por alguns dias, dormimos na casa deles, comemos a comida deles e tentamos mostrar a todos quanto nós os amávamos. Quanto *Deus* os amava. De repente, aqueles bandidos apareceram na calada da noite, com pedaços de pau e porretes. Acho que tinham armas. Eu sabia que eles iam nos matar. Tinha certeza. Pensei: “Vou morrer, e não vou ser missionária, nem esposa, nem mãe, nem nada”.

— Puxa, Jen! — Ashley disse. — Eu não sabia que foi tão grave assim.

— Foi, sim. Quando acordei, estava deitada na lama com um galo enorme na nuca. Meus amigos estavam chorando e apavorados, até o líder do grupo. Ninguém da cidade nos ajudou. Agarramo-nos uns aos outros e oramos. Depois que a polícia chegou, algumas pessoas saíram de casa para ver o que havia acontecido. Fomos conduzidos a uma clínica dentro de um velho Land Rover. *Aquele* lugar não tinha o mínimo

recurso. Não havia macas, agulhas esterilizadas, estetoscópios, nada do que se poderia esperar de uma clínica. Eles tinham cotonetes, álcool e codeína. Só isso. Tudo aquilo foi horrível, e não sei mais o que fazer. Pensei que Deus quisesse que nossa equipe fosse até lá e que ele nos protegeria, mas então tudo isso aconteceu. Estou confusa demais.

Ashley pôs na mesa o colar que estava montando.

— E agora? Você está bem?

— Não — Jennifer levantou a cabeça, com o rosto vermelho e os olhos inchados. — Não estou bem. Sempre confiei em tudo. Achei que sabia o que Deus queria que eu fizesse. Mas agora...

As duas jovens entreolharam-se. Ashley não sabia se sentia pena de Jennifer ou dela própria. Por que havia acontecido coisas tão terríveis àquela moça? O normal seria que o mundo só virasse de ponta-cabeça daquela forma quando as pessoas fossem mais velhas. Mas ela e Jennifer Hansen já haviam sofrido muito antes de chegar aos 25 anos de idade.

— De repente, passei a viver assustada — Jennifer disse. — Não posso mais imaginar viver sozinha no meio do nada. A organização missionária na qual ingressei forma equipes e tem rádios para nos comunicarmos. Temos até um avião para nos resgatar em caso de perigo. Mas os missionários casados e os filhos ficam juntos em casas muito pequenas. Eu ficaria sozinha à noite, Ash. Completamente sozinha.

— Você tem Deus.

— Deus... — Jennifer sussurrou, novamente com os olhos cheios de lágrimas. Ela sacudia a cabeça à medida que as palavras saíam entrecortadas. — Sinto que ele me traiu. Sei que os cristãos nem sempre são protegidos do mal. Mas por que eu? Por que nosso grupo? Estou confusa demais.

— Talvez seu cérebro esteja com sequelas das pauladas que levou na cabeça.

Finalmente um leve sorriso apareceu no rosto de Jennifer.

— Passei por todos os tipos de exames quando voltei ao Missouri. Meu cérebro está ótimo. O problema está em meu coração.

— Ora, Jen. Seu coração não mudou. Você continua a acreditar em todas aquelas coisas que nos contou nas reuniões do CAC. Pense nas vezes em que deu bronca em Miranda e pregou para todos. Você parece a Joana d’Arc naquele filme, fazendo cruzadas e chamando o povo a arrepender-se. Você apenas saiu muito assustada do México, só isso.

— Com certeza. Mas aquilo me mudou, Ash. Forçou-me a pensar em muitas coisas, perguntas, preocupações e sonhos que eu havia deixado de lado.

— Como casar, por exemplo? Ah! Pode acreditar. Não é aquela maravilha que deveria ser.

Ashley sentiu os olhos de Jennifer cravados nela. Voltando a trabalhar no colar, ela procurou as contas vermelhas nos compartimentos da bandeja. Considerando a vida triste que Jennifer levaria se permanecesse solteira, não seria má ideia que ela conhecesse o outro lado da história.

— Quando a gente se casa, imagina que tudo vai ser maravilhoso — ela murmurou, com os olhos concentrados no colar. — A gente pensa: “Uau! Se o namoro é bom, o casamento tem de ser bem melhor”. Eu sentia que era o centro do universo de Brad. Ele não desgrudava de mim, e estava sempre me fazendo carinho.

Recompondo-se, Ashley olhou de relance para Jennifer.

— Acho que você não concorda em dormir com um cara antes do casamento, não?

— Nunca encontrei um mandamento de Deus que *prejudicasse* as pessoas. — Jennifer rolou algumas contas na direção de Ashley. — Por isso acredito que devemos esperar. Penso que as coisas correm melhor para os casais que esperam.

Ashley teve de pensar naquelas palavras por um momento. Nenhuma de suas amigas era virgem. Exceto Jessica e Jennifer Hansen — ambas vencedoras do concurso Miss Religião. Atualmente, as pessoas não pensavam duas vezes. Mas a convivência com Brad não estava funcionando muito bem para Ashley. Eles tiveram relação sexual antes do casamento. Seria esse o problema?

— Enfim — Ashley prosseguiu — hoje Brad e eu mal nos vemos... e não há mais carinho nem carícias entre nós. Ele trabalha de dia construindo condomínios para uma empreiteira. Eu trabalho de noite como garçoneiro.

— Mas isso ocupa apenas oito horas de cada um de vocês — Jennifer ressaltou. — O dia tem 24 horas. Ainda sobram oito horas para ficarem juntos.

Pensando se deveria contar a verdade, Ashley passou mais algumas contas pelo fio e amarrou-o. Jennifer havia sido sincera com ela, então por que não abrir o jogo?

— Poderíamos passar algumas horas juntos — ela disse. — Mas Brad vai ao Bar do Larry após o expediente, por volta das 15 horas. Eu tenho de estar no clube de campo às 17 horas, mas odeio aquele bar, odeio aquelas mulheres olhando para Brad e paquerando-o. Ele é *meu* marido, mas parece que não nota minha presença.

— O que Brad faz?

— Joga bilhar na maior parte do tempo. O bar tem uma nova cantora que ele acha um deslumbre. Não a conheço, mas não confio nem um pouco nessas mariposas de bar. Já pedi a Brad que não vá ao Larry, mas ele só não vai lá quando está planejando trabalhar em nossa casa com o sr. Moore. Eles estão tentando consertar os estragos provocados pelos cupins e pela chuva. Já que Brad está sempre ocupado, eu venho aqui para trabalhar com as contas. Além disso, não há motivo para encontrar algumas horas para passarmos juntos. Quase sempre acabamos discutindo.

— Vocês poderiam jantar fora. Ou namorar no sofá. E quando você chega do trabalho?

— Brad está completamente bêbado. Quase sempre eu o encontro deitado em algum lugar, roncando.

— Não há jeito de você encontrar um emprego durante o dia, como Brad? Não seria melhor? — Jennifer perguntou. — Há uma mudança de turno no almoço no clube de campo, não?

— As gorjetas são duas vezes maiores à noite. Eu preciso de dinheiro. Meus pais estão sempre à beira da falência, e eu os ajudei há anos. Brad não sabe disso, mas ainda dou um pouco de dinheiro a eles todos os meses. Se não fizer isso, não vão conseguir sobreviver.

— Você tem segredos que não conta a seu marido? Isso é bom?

— Não posso contar. Ele fica furioso todas as vezes que falamos de dinheiro. Brad acha que este meu negócio com as contas só causa despesas. Ele sempre pega no meu pé quando compro envelopes, fitas de embalagens, argila, esmaltes, as coisas de que preciso para atender aos pedidos. Estou arrependida de ter começado este negócio.

— Vou ajudá-la.

A oferta foi impulsiva. Teria sido sincera ou não? Ashley fitou Jennifer por um momento.

— Você não vai querer montar colares, Jen. É um trabalho maçante.

— Eu preciso disso. — Jennifer começou a separar as contas na bandeja. — Estou passando pela experiência mais maçante de minha vida. Estou tão assustada que não consigo nem decidir se vou voltar para a escola no próximo semestre. Parece que aqueles bandidos no México roubaram muito mais que minha bolsa e relógio. Eles roubaram minha coragem. Agora, a ideia de sair pelo mundo e viver sozinha numa cabana me deixa em pânico.

— Você pode sempre contar com a ajuda de Cody Goss.

Ao ouvir essas palavras, Jennifer ergueu a cabeça, assustada. Porém, quando viu o sorriso no rosto de Ashley, ela relaxou.

— Cody *podia* me proteger.

— Claro que sim. — Ashley sacudiu a cabeça. — Ele sobreviveu depois que o pai o deixou sozinho no mundo. E viajou de Kansas a Deepwater Cove sem sequer saber consultar um mapa.

Jennifer deu uma risadinha.

— Cody parece ser capaz de fazer tudo o que põe na cabeça.

— É verdade, ele é legal, mas me deixa louca. Acho que isso faz parte do autismo. Ele sempre cospe em meu rosto quando fala comigo. E

quando ele começa a falar de bolo de chocolate ou de outros assuntos favoritos nas reuniões do CAC, pode esquecer.

— Ele é diferente, mas, para ser sincera, Cody me espanta. Seu talento artístico é incrível.

— Você deve saber — Ashley disse, lembrando-se dos retratos que Cody pintara na parede do Assim Como Estou, todos com uma variação de seu tema favorito: Jennifer Hansen. — Cody daria um bom missionário. Aposto que ele sabe quase a Bíblia inteira de cor. E provavelmente pregaria um sermão melhor que o pastor de sua igreja.

— É difícil alguém ser melhor que o pastor Andrew.

— Eu o ouvi falar no clube de campo um dia. Um grupo convidou-o para fazer uma palestra. Ele é bem interessante, reconheço. Mas continuo a apostar que Cody conhece mais versículos da Bíblia que ele.

— Ainda não encontrei um assunto para o qual ele não encontre uma resposta. Você pode mencionar qualquer coisa, e Cody tem uma resposta pronta extraída de um texto da Bíblia.

— Está vendo? Você deveria levá-lo para a ajudar. Ele poderia ser seu parceiro missionário. Parte de sua equipe.

Enquanto falava, Ashley viu uma expressão inconfundível no rosto de Jennifer. As faces da moça coraram, e ela desviou o olhar com timidez. Seus olhos brilharam repentinamente. Embora Ashley mal pudesse acreditar, ela conhecia aquela expressão.

— Você *gosta* de Cody — ela disse em voz baixa. — Jen, qual é o lance? Está apaixonada por ele?

Jennifer fechou as mãos com força e sacudiu a cabeça.

— Não, claro que não. Isso seria ridículo. Cody é autista. Pelo menos é o que imaginamos. Além disso, ele tem aqueles hábitos irritantes e não frequentou a escola nem um só dia na vida. E também não sabe lidar com números, você sabe. Ele é capaz de ler os livros inteiros de Michelangelo ou de Leonardo da Vinci, mas não consegue lidar com números. Ele não sabe ver as horas e ainda confunde os dias da semana. De certa forma, ele parece uma criança.

— Parece, mas não é. Ele tem mais ou menos a sua idade. E é bonito. Bonito como um artista de cinema.

— É mesmo, não?

— Sim. — Ashley pegou um fecho da caixa de suprimentos e começou a prendê-lo ao colar. Aquela era uma das conversas mais estranhas de sua vida. Mas ela gostava de Jennifer Hansen, e sentia-se bem com aquele bate-papo.

— Não há mal nenhum em gostar de quem você quiser, Jen — Ashley disse. — Pode gostar de Cody, se quiser. Pode até amá-lo.

— Eu o amo. Mas não desta maneira. Pelo menos, é o que eu penso. — Ela segurou com força as laterais da mesa. — Está vendo? Não consigo coordenar os pensamentos nestes dias! Tudo é uma confusão gigantesca.

— Talvez fosse bom você afastar-se da escola e trabalhar por uns tempos. O que você pode fazer com uma especialização em... como é mesmo?

— Antropologia. Matéria sem sentido, inútil. Não tenho ideia do trabalho que posso fazer. Tudo era lógico, confortável e correto. Mas agora é uma confusão total.

— Tente não ficar tão ansiosa com o que vai acontecer. Você não precisa comprar as passagens para o Mali amanhã, certo? Fique feliz por não ter assumido um compromisso permanente como eu assumi. — Ashley fez uma pausa, pensando em seu casamento no Dia dos Namorados.³ — Você não esteve numa igreja para prometer amar alguém, de corpo e alma, pelo resto da vida.

— Na verdade, eu prometi. Só que minha promessa foi feita a Deus. Eu só pensava nele, e só me interessava por ele.

— *Deus?*

— Sim. Lembro-me daquele sentimento, daquele fogo que me consumia. Eu sabia por que amava o Senhor, e faria qualquer coisa por ele. Qualquer coisa. Era muito feliz, muito segura de estar tomando as decisões certas. Mas também não agia como cega. Fui à África numa

viagem missionária. Vi como outras pessoas do mundo vivem, todo o seu sofrimento, e aquilo me deu mais determinação. Mas foi antes de minha viagem ao México.

— É mais ou menos parecido com Brad e eu. Sabia que a melhor coisa do mundo foi me casar com ele. Acreditava de verdade que minha vida seria totalmente diferente depois do casamento. Assim como você, achei que sabia das coisas. Você estava na África com Deus, e eu estava na cama com Brad.

— Bom, não é a mesma coisa.

— Concordo, mas você e eu somos parecidas de muitas formas, Jen. Eu sabia no que estava me metendo. Vi o futuro e queria esse futuro. Mas agora, agora que vivo a realidade, estou pensando em jogar a toalha.

— Você está falando sério?

— Penso nisso o tempo todo. Brad prometeu me amar e me proteger, estar sempre comigo, ser fiel a mim. Mas ele vive no Bar do Larry e volta bêbado para casa e grita comigo por causa de dinheiro, da roupa por lavar ou da comida que faço. Ele odeia este meu trabalho. Os pais dele são esquisitos, e ele diz que os meus são perdedores. Temos um cãozinho que faz xixi no chão de todos os cômodos. Nossa casa está desmoronando. E não posso contar com meu marido. Não confio mais nele. — Enquanto falava, os olhos de Ashley voltaram a encher-se de lágrimas.

— Oh, Ash. — Jennifer soltou a respiração. — Entendo o que você está dizendo. Nós duas confiamos em alguém em quem acreditávamos... E nós duas nos decepcionamos. Gostaria que tudo fosse como antes.

— Ter aquele sentimento de volta? Eu também. Daria tudo na vida para voltar a ver o amor verdadeiro nos olhos de Brad.

— Você não é capaz de reconquistá-lo?

Ashley encolheu os ombros.

— De que adiantaria? Para mim, ele era um homem admirável. Maravilhoso. O rapaz mais bonito, mais querido da classe. Não

conseguia nem que ele olhasse para mim. Ele era armador no time de futebol americano, Jen.

— Eu sei. Brad e eu temos a mesma idade.

— Você o conhece bem? Talvez pudesse conversar com ele para mim.

— Eu? Conversar com Brad? — Jennifer voltou a separar as contas. — Ashley, não acho que seja uma boa ideia. Ele é seu marido. É você quem deve conversar com ele.

— Mas não sei o que dizer. A gente acaba sempre brigando. Você é cristã e conhece tudo sobre religião. Sabe alguma coisa sobre aconselhamento?

— Assisti a uma aula no último semestre, mas se referia às necessidades das pessoas que vivem em tribos.

— Penso às vezes que Brad é um selvagem. — Ashley concentrou-se em prender o fecho. Não queria se lembrar das situações em que Brad bebia e eles discutiam. Mais de uma vez, ela temeu que ele a agredisse.

— Pode ser — Jennifer disse. — O time de futebol era uma tribo, e ele está descontando seus sentimentos na esposa. Você deveria consultar um conselheiro. Dizem que o pastor Andrew é excelente.

— Você é que deveria conversar com o pastor Andrew. Ele entende desses assuntos de missionários. Mas Brad... Talvez ele a ouvisse, Jen. Vocês estudaram juntos, têm a mesma idade e talvez você seja tão inteligente quanto ele, o que eu não sou.

— Ora, Ash? Por que diz isso?

— Brad formou-se com nota máxima, você sabe.

— Brad Hanes?

— Acredite ou não, mas é verdade. Ele diz que foi porque queria continuar a jogar no time de futebol, mas a verdade é que ele gostava da escola. Eu só tirava notas médias. Vivia ocupada, trabalhando na lanchonete de meus pais e não tinha tempo para fazer os deveres de casa. Não ligava para nada, a não ser para as aulas de educação artística. Brad é muito mais inteligente que eu. Olhe para mim e para estes colares. Você

está certa. Eu deveria pedir pagamento adiantado pelos colares. Sou tão boba que nem pensei nisso.

— Você não é boba. É apenas inexperiente.

— Converse com Brad para mim, por favor. Diga a ele que não sou má esposa. Diga que estou fazendo o melhor possível, e que ajo como uma mulher normal. Sou emotiva porque tenho sentimentos. E diga a ele que pare de ir ao Larry. Por favor, Jen.

Jennifer empurrou a bandeja que acabara de organizar em direção a Ashley.

— Se eu me encontrar com ele por acaso, posso tentar dizer alguma coisa.

— Bom, preciso ir embora — Ashley disse. — Devo estar no trabalho daqui a meia hora.

Quando Ashley começou a recolher as bandejas, Jennifer segurou-a pelo braço.

— Deixe tudo aqui. Eu separo o resto das contas para você.

Ashley sorriu.

— Obrigada. Talvez isso me ajude a não pensar tanto em Esther.

— Sabe, Ashley, você é bondosa, artística e sensível, sem falar deste seu maravilhoso cabelo ruivo. Se Brad Hanes não sabe o que tem nas mãos, ele é mais bobo do que penso.

Ao atravessar a porta corrediça do porão, Ashley sentiu-se melhor do que nas últimas semanas. Ela fez uma pausa, virou-se e olhou para a outra jovem.

— Você sabe o que fazer, Jen. Precisa apenas ter paciência.

— Você também, Ash. Você também.

As duas entreolharam-se por um instante. Em seguida, Ashley abriu a porta e saiu.

3 Nos Estados Unidos, o Dia dos Namorados é comemorado no dia 14 de fevereiro.
(N. do T.)

Brad levantou o cãozinho do chão e colocou-o na caixa de papelão.

— Veja o que você ganhou, Tagarela. Voltou ao ponto de partida. E nem pense em uivar para mim, porque não vou deixá-lo sair.

— Você não precisa deixar que ele saia — Charlie Moore comentou quando o cãozinho deu um salto e pulou por cima da lateral da caixa — porque ele já aprendeu a fazer isso sozinho.

— Que beleza. — Com os polegares enroscados nos bolsos, Brad fez um gesto de desânimo. O cãozinho caiu estatelado no chão, equilibrouse, sacudiu a cabeça e precipitou-se em direção à barra da calça *jeans* de Brad. Com os dentinhos cravados no tecido, o cão começou a andar para trás, rosnando ferozmente enquanto tentava puxar Brad pela sala.

— Desse jeito, não vamos chegar a lugar nenhum — ele disse a Charlie. — O senhor acha que ele poderia brincar com Boofer?

— Por que não? — O homem mais velho caminhou até a porta do novo cômodo que ele e Brad haviam construído na casa dos Hanes. — Boof é um velho esquisito como eu, mas talvez não se importe de ter a companhia de um filhote de vez em quando.

Piscando para Brad, ele abriu a porta para que o vira-lata gorducho entrasse na sala. No momento em que Boofer entrou, Tagarela correu em direção ao esfregão de pelos compridos e pretos. Com a ponta do rabo levantada, o filhote curvou-se como que se submetendo ao cão mais velho.

“Au!” Saltando de repente de um lado para o outro, Tagarela começou a correr ao redor de Boofer dando latidos agudos de satisfação. “Au, au, au.”

Boofer fez um esforço para cheirar a criaturinha que pulava em círculos. Abanando o rabo, o cão mais velho permitiu que Tagarela o

cheirasse, até ambos se conhecerem. Os dois cães começaram a correr pela sala de estar, passando velozmente por trás do braço da poltrona, quase derrubando a televisão do suporte, escorregando no piso da cozinha.

Brad observou, rindo, quando Tagarela correu atrás do sofá, tendo Boofer em seu encalço. O cão mais velho, que ganhara peso nos últimos anos, ficou preso sob o sofá, mas não por muito tempo. Afastando-se, ele sacudiu o corpo e voltou a correr atrás do cãozinho.

— O senhor estava certo — Brad disse a Charlie. — Eu imaginei que a caixa não seguraria Tagarela por muito tempo. Ashley fez uma cama confortável no chão para ele dormir na primeira noite. Ele uivou tanto que tivemos de colocá-lo sob as cobertas conosco.

— E passou a dormir com vocês desde então. — Charlie riu. — Aconteceu o mesmo com Boof. Eu disse a Esther que seria um erro permitir que o cão dormisse em nossa cama. Quem disse que ela me ouviu?

— Elas nunca nos ouvem. — Brad olhou para a pia vazia, onde havia esfregado todas as panelas e caçarolas que ele e Ashley possuíam. A máquina de lavar louça ligada, enxaguando os pratos e o faqueiro que ele havia posto dentro. Os balcões brilhavam. Ashley não levantara um só dedo.

— As mulheres não gostam de ouvir — Charlie disse — a não ser que a gente saiba como atrair a atenção delas. Elas só querem falar, *compartilhar sentimentos*, conforme Esther dizia. Ela se importava com minhas opiniões, claro, mas estava muito mais interessada em querer que eu entendesse o que se passava em sua mente. Quando eu queria tratar de um assunto importante, precisava fazê-la concentrar-se em mim. Era difícil às vezes, mas aprendi alguns truques ao longo dos anos.

— O senhor tem algum truque que faça a esposa limpar a casa de vez em quando? Eu faço tudo isso sozinho.

— *Você?* — Charlie simulou uma expressão de espanto. Depois, pôs a mão no ombro de Brad. — Ouça, filho, o homem pode não gostar de

lavar pratos, mas ele é tão capaz de fazer essa tarefa quanto uma mulher. Descobri isso depois do acidente de Esther. Eu alegava ser ignorante a respeito de lava-louças. Insistia que tudo na lavanderia era um mistério para mim. Não sabia passar uma camisa a ferro sem queimá-la... Era a desculpa que eu dava a Esther. Ela me disse que, se eu sabia lidar com uma serra elétrica e uma escavadeira, poderia muito bem passar uma camisa. Ela estava certa. Claro que levei quase cinquenta anos para admitir isso. Nunca preguei um botão. Insistia que era *trabalho de mulher*. Olhe para mim hoje.

Charlie apontou para o punho frouxo de sua camisa xadrez de flanela.

— Reconheço que vou ter de encontrar a caixa de costura de Esther e pregar o botão qualquer dia desses. Este bode velho vai ter de aprender um novo serviço.

— Ashley pode pregar o botão para o senhor. Ela sempre tem agulha e linha à mão.

— Não, obrigado. Quero fazer isso sozinho só para agradar a Esther. Ela e minha mãe estão no céu, provavelmente discutindo que meus sapatos não combinam com as meias, que a camisa não combina com a calça ou que me esqueci de prender a fivela da cinta. Alguma dessas coisas. Esther estava sempre me pegando no pé por causa de minha aparência, mas eu não ligava. Dizia que a roupa que eu usava era problema meu, não dela. Tenho certeza de que você já sabe que haverá coisas que você e sua jovem esposa irão discutir até o dia em que um dos dois partir para a glória.

Brad refletiu no comentário de Charlie. No momento, era capaz de lembrar-se de cinquenta coisas que provocavam discussão entre ele e Ashley. Bebida. Colares. A cozinha. O cãozinho. A grama do jardim. Dinheiro. Sogros e sogras. Sexo. Amigos. Tempo livre. Empregos. Quem arrumaria a cama na manhã seguinte. Quem varreria as folhas na entrada dos carros. A lista era interminável.

— Bom, depois de ver que você arrumou a cozinha — Charlie prosseguiu — acho que está na hora de arrancarmos estes ladrilhos

velhos. Parece que aqueles dois amigos já se cansaram de brincar de pega-pega.

Brad olhou por cima dos ombros e viu os dois cães deitados, dormindo profundamente, enrolados um ao lado do outro. Tagarela roncava alto, como sempre. Boofer parecia satisfeito por estar encostado no cãozinho.

— Nunca vi Tagarela tão exausto desde o dia em que eu o peguei perto do Bar do Larry e o trouxe para casa — Brad disse ao entregar uma pá a Charlie. — Ele tinha passado um dia inteiro tremendo dentro de uma caixa de papelão. Assim que encheu o estômago, ele apagou.

— Você fez uma boa ação quando salvou a vida dele. Poucas pessoas pegam um cãozinho abandonado, principalmente nesta época do ano. Faz muito frio, e o animal não quer sair para fazer suas necessidades. — Charlie colocou a ponta da pá contra a emenda entre dois ladrilhos velhos de linóleo. Com um pé ao lado do cabo da pá, ele forçou o revestimento. O ladrilho partiu-se ao meio e saltou do lugar.

O trabalho não parecia tão difícil quanto Brad temia. Ele ajudou o homem mais velho, e depois de meia hora já haviam arrancado uma grande parte do piso velho. Como sempre, conversaram um pouco enquanto trabalhavam. Ambos acompanhavam o campeonato da Liga Nacional de Futebol Americano e torciam pelo mesmo time. Como costumava fazer, Charlie lembrou-se de sua infância e de seu trabalho como carteiro. Toda a sua conversa era entremeada com observações sobre Esther. Agora, cada comentário tinha uma dose de tristeza. De vez em quando, Charlie se emocionava e não conseguia falar.

Enquanto ouvia o amigo recordar-se dos eventos de seu longo casamento, Brad conjecturava se ele e Ashley atravessariam juntos o primeiro ano — que diria quase cinquenta. Ele não podia imaginar sua esposa tornando-se parte tão essencial de sua vida a ponto de mencionar o nome dela em todas as conversas. Atualmente, Brad não gostava nem de pensar na ruiva esbelta e sensual que o levara à loucura de tanto desejo pouco tempo atrás. Como alguns meses de vida conjugal poderiam ter

transformado Ashley daquela forma? De um objeto de seus maiores desejos em alguém que lhe causava medo quando ele acordava todas as manhãs?

— Você está muito calado esta tarde — Charlie disse, apoiando-se na pá. — Quer ir ao Bar do Larry? Lá deve ser mais divertido que ficar arrancando ladrilhos da cozinha com um velho.

Um sorriso brotou nos cantos da boca de Brad.

— O senhor não gostaria de ir comigo ao Larry um dia, sr. Moore? Lá o senhor vai conhecer os meus colegas de trabalho. A música é ótima. Há uma nova cantora, que canta com emoção numa apresentação bastante atraente. Que tal reunir-se comigo e com os rapazes, tomar algumas cervejas e relaxar um pouco? Seria bom para tirar essas coisas de sua cabeça.

— Ah, não, obrigado. — Charlie ergueu a mão. — Meus tempos de bebedeira ficaram para trás há muito tempo. Foi uma experiência difícil que só trouxe problemas.

— Uma bebida de vez em quando não faz mal a ninguém.

— Não sei não. Isso é o que você diz. Você não estava presente para ver a expressão no rosto de minha esposa na noite em que perdi o rumo e fui parar num clube de *strip-tease*.

— *Strip-tease*? — Brad não conseguiu se conter e riu alto. — Não acredito, sr. Moore.

— É verdade. Preste atenção no que vou dizer, rapaz. As mulheres podem até perdoar, mas nunca esquecem.

— Como a sra. Moore descobriu?

— Não lembro bem, mas elas *sempre* descobrem. Pode acreditar. — Charlie olhou firme para o chão por um momento. — E sabe de uma coisa? Pouco antes de morrer, Esther me fez lembrar aquele incidente.

— Faz quanto tempo que isso aconteceu?

— Foi logo depois do nosso casamento. Eu era jovem, egoísta, idiota. Esther era sonhadora e só tinha olhos para mim. Eu era o seu cavaleiro de armadura brilhante. Aí, cheguei cambaleando em casa e caí do

pedestal. A gente pensa que um erro cometido no começo do casamento não vai afetar a situação no decorrer do tempo, mas afeta. Com certeza.

Charlie voltou a arrancar os ladrilhos com a pá, e Brad passou a ajudá-lo. Os cães acordaram com o ruído das pás e voltaram a brincar, rolando em cima do carpete e mordiscando um ao outro. Tagarela adorava esperar que Boofer se deitasse, para saltar sobre as costas do velho cão e forçá-lo a levantar-se.

Enquanto jogava uma pá cheia de ladrilhos num latão de lixo perto da mesa da sala de jantar, Brad pensou no sr. Moore embebedando-se e indo a um clube de *strip-tease*. Embora a imagem fosse engraçada, ele teve uma sensação desagradável dentro de si.

Apesar de Brad mal ter notado a presença dos Moores quando ele e Ashley se mudaram para Deepwater Cove, o casal mais velho passara a fazer parte da vida deles. Aliás, a vizinhança inteira parecia envolvida em tudo o que acontecia com “o menino e a menina Hanes”, conforme eles eram conhecidos. Na infância, Brad viveu cercado de muitos irmãos e irmãs, mas se tornara solitário. Era eficiente para trabalhar em equipe — no campo de futebol e na construção — mas não gostava que ninguém se intrometesse em sua vida.

Só que... Ele nunca sentiu a presença do sr. Moore como uma imposição. Brad respeitava aquele senhor. Quando o sr. Moore o chamava de *filho*, a palavra caía no peito de Brad como uma barra de ouro brilhante que lhe aquecia o coração. O pai de Brad era um homem ocupado e desligado demais para dar um pouco de atenção aos filhos, por isso o rapaz passara a gostar das noites e dos fins de semana que ele e o sr. Moore passavam trabalhando na pequena casa revestida de madeira.

Na verdade, o sentimento que Brad desenvolvera por aquele senhor de cabelos grisalhos ia além do respeito. Brad admirava o sr. Moore. Queria ser igual a ele — capaz de olhar para trás e lembrar-se de uma vida agradável com a esposa querida, alguns filhos e uma carreira estável. Um homem capaz de andar de cabeça erguida e olhar todas as pessoas nos olhos.

Aquela visão não se enquadrava no episódio do clube de *strip-tease*. Aquilo não se encaixava no sr. Moore. Como um homem podia transformar-se em outro completamente diferente?

— Compromisso — Charlie disse, enxugando a testa enquanto voltava a apoiar-se na pá. — Foi o que ajudou Esther e eu a atravessar tempos difíceis. Ela nunca mais me pôs num pedestal, mas tudo bem. Eu não merecia. No entanto, ela teve de descobrir como se sentiria em relação a mim após aquela noite terrível. *Compromisso* foi o que ela finalmente disse. A princípio, achei que aquilo não chegava nem aos pés do amor, porém mais tarde descobri que era melhor.

— A sra. Moore lhe perdoou porque tinha assumido um compromisso com o senhor? Parece uma palavra que meu patrão usa sobre o condomínio que estamos construindo, principalmente se um operário chega atrasado ou de ressaca. “Você não tem compromisso com o trabalho, homem”, é o sermão que ele faz. Sabemos imitar a voz e os gestos do cara. Bill é muito rigoroso, mas fazemos a nossa parte no trabalho. E ninguém quer ir embora, porque ele paga bem e o trabalho é constante.

— Bom, é isso aí. Construir um condomínio é bem parecido com construir um casamento. Nem sempre gostamos das restrições, mas o compromisso faz o trabalho ficar pronto. Se houver firme dedicação, ninguém vai querer desistir. Esther e eu éramos unidos, você viu. Tínhamos um propósito. Sonhos e objetivos que queríamos alcançar. E complementávamos um ao outro muito bem, principalmente no... no fim.

Charlie pressionou a pá contra um ladrilho e, com raiva, forçou-o a sair. O ladrilho trincou, voou pelos ares e caiu no chão, espatifando-se.

“Au!” Tagarela veio correndo e agarrou um dos ladrilhos com a boca. Enquanto o cãozinho passava de cabeça empinada por Charlie, o homem segurou-o na mão, encostou o rosto no pelo marrom macio e chorou.

Brad encostou a pá num balcão e preparou um bule do chá favorito de Ashley. Ele e Charlie sentaram-se e tomaram várias xícaras, num

silêncio confortável. Logo em seguida, retornaram ao trabalho.

— **Chegou a hora das minutas** — a voz forte de Cody Goss abafou o vozerio das mulheres reunidas na área de chá do salão de beleza Assim Como Estou. — A sra. Moore está no céu, e gostaria que a gente fizesse as minutas.

Patsy Pringle olhou de relance para Pete Roberts, sentado do outro lado da mesa. Com um sorriso maroto no rosto bem barbeado, seu noivo estava mergulhando um biscoito de chocolate em seu chá inglês da tarde — uma atividade predileta, que Patsy lhe havia implorado que abandonasse.

Pete havia feito grandes progressos em relação à aparência, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer quanto às boas maneiras. Patsy se perguntou se Cody poderia ensinar algumas etiquetas sociais a Pete — e essa ideia provocou um riso irônico na boca da cabeleireira.

— Precisamos de uma nova presidente, e eu nomeio Ashley Hanes. — Cody se levantara da cadeira e estava batendo na xícara de chá com a colherinha, da mesma forma que Esther Moore sempre fazia. — Há apoio? — Cody perguntou. Ele fez uma pausa. — Apoiar em uma reunião não é a mesma coisa que se apoiar quando a gente vai levantar de uma mesa porque você não tem equilíbrio suficiente para se levantar sozinho.

Ao ouvir essa observação, a sala inteira mergulhou em silêncio. Cody prosseguiu.

— De acordo com os Estatutos das Associações Cívicas, as minutas da reunião são quando o presidente da organização, que acho que deve ser Ashley Hanes, lê os assuntos antigos.

— Eu não quero ser presidente — Ashley avisou, olhando com ar de reprovação para os presentes. — Ando muito atarefada e não estou a fim disso.

As reuniões do clube estavam aumentando em audiência, Patsy notou, e hoje as mesas pareciam mais que lotadas. A que ela e Pete

havam escolhido incluía Cody, Jennifer Hansen e Ashley. Patsy observara as duas jovens envolvidas numa conversa animada quando entraram juntas no salão.

— Mas a sra. Moore escolheu você, Ashley — Cody protestou. — Quando ela sofreu o acidente, escolheu você para ser a presidente *pro tempore*. *Pro tempore* é uma palavra latina para...

— Não vou aceitar o cargo — Ashley interrompeu. — A sra. Moore era... Bem, ninguém é capaz de fazer o que ela fazia.

Quando a voz de Ashley começou a tremer, Cody olhou para Jennifer como se ela pudesse resolver o dilema. De fato, ela pôde.

— Por que você não ocupa o cargo de presidente, Cody? — ela lhe perguntou. — Você conhece os procedimentos parlamentares melhor que nós.

— Eu apoio — Pete disse em voz alta.

— Mas espere, ainda não demos a palavra para as indicações — Cody objetou. — E Jennifer não fez uma proposta.

— Eu proponho — Jennifer disse — que Cody Goss seja presidente do Clube dos Amantes de Chá.

— Eu apoio a proposta — Pete voltou a fazer. — Alguma objeção? Não? OK. Então todos os que são a favor digam *amém*.

Enquanto um coro de améns ecoava pela sala, Cody olhou atônito para todos.

— Bom, mas não é exatamente certo...

— É bom para nós — Jennifer disse-lhe carinhosamente, tocando-lhe o braço. — Prossiga.

— OK, assunto antigo — Cody anunciou e, sem olhar para os registros, começou a descrever o desfile do Dia de Ação de Graças, a fogueira e o churrasco que haviam sido tema da última reunião do clube.

Patsy admirou a capacidade do jovem de lembrar-se dos eventos. Apesar de Cody ter a tendência de concentrar-se nos detalhes que as outras pessoas não notavam — como o fato de que no evento do Dia de Ação de Graças o bolo de chocolate de Miranda havia sido cortado em

triângulos, não em quadrados —, ele certamente gravara a ocasião com cores vivas.

Quando chegou o momento de discutir os assuntos novos, várias pessoas mencionaram a aproximação do Natal e do ano novo e o fato de que a comunidade haveria de querer comemorar essas duas datas de alguma maneira. Patsy, porém, não se surpreendeu ao ver que ninguém demonstrou entusiasmo suficiente a ponto de fazer planos para uma celebração especial. Sem a animação costumeira de Esther Moore para dar continuidade à discussão, o assunto perdeu a graça.

Ao perceber que não havia conseguido incentivar o grupo a tratar do assunto novo, Cody terminou a reunião e sentou-se, com uma expressão de desânimo em seu belo rosto.

— Sinto muitas saudades da sra. Moore — ele murmurou. — Ela teria sugerido outro desfile, com certeza. A sra. Moore adorava desfiles.

— Vou pensar em algumas boas ideias — Jennifer garantiu-lhe. — Você se saiu muito bem em seu primeiro dia como presidente. Acho que ninguém quis falar do Natal porque ainda estamos tristes com a morte da sra. Moore.

— O Natal é outro problema, Jennifer — Cody disse, com seus profundos olhos azuis. — Tentei conversar com a sra. Miranda Finley sobre o Natal um dia desses quando estava andando à beira do lago à procura de águias-calvas. Avistei três, mas tive de prestar atenção à sra. Finley, que queria explicar as origens pagãs do Natal.

— Origens pagãs? — Ashley franziu a testa para Cody e virou-se para Jennifer. — O Natal tem a ver com o menino Jesus, a manjedoura, os magos, essas coisas, não?

— A sra. Finley me contou que o Natal não é bem isso — Cody respondeu. Antes de prosseguir, ele olhou de relance para Miranda, sentada do outro lado da sala com outro grupo de mulheres. — Ela é uma senhora muito simpática que fez cartões de visita para me ajudar no trabalho de pintura — ele explicou em voz baixa — mas diz que ninguém sabe *quando* ou *se* Jesus nasceu. As árvores de Natal, os enfeites,